

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA



PUC-SP

SOFIA AURELI DE CAMARGO LIMA

**DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA:
UMA DISCUSSÃO SOBRE NEUROSE OBSESSIVA À LUZ DO ROMANCE *TIRZA*,
DE ARNON GRUNBERG**

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA



PUC-SP

SOFIA AURELI DE CAMARGO LIMA

**DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA:
UMA DISCUSSÃO SOBRE NEUROSE OBSESSIVA À LUZ DO ROMANCE *TIRZA*,
DE ARNON GRUNBERG**

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso de
Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Mauro
Lantzman

SÃO PAULO

2021

AGRADECIMENTOS

Produzir este Trabalho de Conclusão de Curso em meio a um contexto de tantas angústias e inseguranças tem sido um grande desafio, e chegar a sua conclusão me provoca muito alívio, ânimo e orgulho. Não apenas pelo produto final desta pesquisa, mas também por considerá-lo um símbolo dos últimos cinco anos: o prenúncio do encerramento de um ciclo marcado por inúmeras transformações, que vêm moldando a mulher que sou e continuo me tornando. Ao longo do caminho, estive sempre acompanhada por pessoas que foram fundamentais, tanto na elaboração deste trabalho, quanto na minha trajetória pessoal, e a elas sou muito grata.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus queridos professores que, para além das teorias, me ensinaram tanto a respeito do ser humano e do valor da nossa profissão. Em especial, deixo meus agradecimentos ao meu orientador, Professor Mauro Lantzman, que me escutou e orientou, sempre de forma muito gentil e acolhedora, durante todo o processo de elaboração deste TCC.

Acredito, ainda, que devo muito a conclusão deste trabalho à minha analista, Vera, que me acompanha há tantos e tantos anos. É difícil descrever uma relação tão ímpar como aquela entre terapeuta e paciente, mas, na falta de outras palavras, gostaria de dizer que se não fosse o seu acolhimento e seus puxões de orelha, talvez não tivesse escolhido essa profissão tão bonita e tão desafiadora, e com certeza não seria a pessoa que sou hoje. Sou muito, muito grata por tudo o que construímos ao longo desses anos!

Gostaria também de agradecer aos meus amigos: os antigos, junto com os quais cresci tanto, e os recentes, que vêm tornando minha caminhada na graduação mais prazerosa todos os dias. Agradeço à Laura, à Beatriz e ao Felipe por terem lido os capítulos finais deste trabalho com carinho e por terem me encorajado e dado sugestões.

Em especial, gostaria de agradecer ao Pedro, que de repente virou mais do que amigo e vem acompanhando todo o processo de conclusão deste trabalho. Nossos momentos juntos têm sido um grande respiro em meio ao caos, obrigada pelo apoio, pelo companheirismo e por todo o resto!

Agradeço também às amigas com quem compartilhei os últimos anos de graduação de Psicologia, em especial às queridas Catharina, Fernanda e Julia, por terem sido minhas grandes companheiras desde o primeiro ano, por compartilharmos angústias e alegrias, almoços no

CAFIL e muitos fins de semana inesquecíveis. Obrigada por trazerem tanto apoio, leveza e diversão para o meu dia a dia, eu não poderia ter escolhido amigas melhores.

Não poderia deixar de lembrar das minhas amigas e companheiras de grupo de estudos, Catharina (mais uma vez), Mariana, Renata, Sofia, Stella, Maria Fernanda e Julia, e de nossa querida mentora, Ana Raquel. Tem sido um privilégio enorme estudar psicanálise e me descobrir psicóloga ao lado de mulheres tão inteligentes e sensíveis! Nossos encontros têm sido, com toda a certeza, uma das partes mais prazerosas e enriquecedoras da graduação, e foi a partir deles que nasceu a ideia deste trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer à minha família, por serem as pessoas mais importantes da minha vida. Agradeço a minha mãe, Paola, por ser meu porto-seguro. Obrigada por ter me ensinado tudo, por ser o maior exemplo de força e delicadeza que eu poderia ter. Agradeço ao meu pai, Ricardo, por ter sido o melhor pai que eu poderia escolher, mesmo que por um tempo breve. Ele me ensinou o significado de família, e, sem as centenas de gibis que compramos juntos durante a minha infância, talvez eu não tivesse hoje tanto gosto pela leitura, que foi o que me mobilizou a escrever este trabalho. Agradeço ainda a minha irmã, Isabella e ao meu cunhado-irmão, Rafael, por serem aqueles com quem eu sempre posso contar, e à minha avó Márcia, cujos abraços e almoços de terça e quinta foram fundamentais para que eu tivesse ânimo para enfrentar a rotina da faculdade. Vocês são minhas pessoas preferidas, obrigada por tudo!

RESUMO

Área do conhecimento: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Título: Diálogos entre psicanálise e literatura: uma discussão sobre neurose obsessiva à luz do romance *Tirza*, de Arnon Grunberg

Orientanda: Sofia Aureli de Camargo Lima

Orientador: Prof. Dr. Mauro Lantzman

O presente trabalho visa a realizar uma articulação entre psicanálise e literatura ao propor uma análise do protagonista do romance de ficção *Tirza*, do autor holandês Arnon Grunberg, à luz da teoria psicanalítica, em especial no que se refere à neurose obsessiva. Partindo da ideia de que a psicanálise não se restringe ao contexto clínico, podendo ser aplicada como método investigativo a qualquer produção humana, a leitura do romance foi feita de modo a buscar sentidos encobertos por trás dos pensamentos e ações do protagonista. Além da leitura da obra literária, foi realizada uma revisão de textos que possibilitassem o aprofundamento na teoria psicanalítica, bem como o estabelecimento de relações entre psicanálise e literatura. Em um primeiro momento, foi feita uma revisão teórica, pautada principalmente em Freud e autores contemporâneos, a respeito do diagnóstico em psicanálise, da neurose enquanto constituição subjetiva e da neurose obsessiva. Explorou-se, assim, construções iniciais da teoria freudiana, o papel do complexo de Édipo e do complexo de castração na constituição psíquica, assim como sintomas e características típicas da neurose obsessiva, como a ambivalência afetiva e o pensamento superinvestido. Com base em tais considerações teóricas, e após a apresentação do enredo de *Tirza*, realizou-se a análise de seu protagonista. Foi possível compreender, então, que seu modo de pensar, agir e se relacionar foi considerado um interessante meio para ilustrar alguns mecanismos presentes na neurose obsessiva, tais como o isolamento afetivo, o controle exacerbado, a ambivalência e a relação do sujeito frente ao desejo.

Palavras-chave: neurose obsessiva; psicanálise e literatura; *Tirza*; Arnon Grunberg; agressividade; controle; ambivalência afetiva.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA.....	12
3 O DIAGNÓSTICO EM PSICANÁLISE E O SENTIDO DOS SINTOMAS	14
4 NEUROSE E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA	17
4.1 Algumas construções iniciais de Freud sobre a neurose	17
4.2 A influência da segunda tópica	19
4.3 O complexo de Édipo como estruturante da constituição psíquica.....	21
4.4 Contribuições lacanianas: a castração como corte simbólico	24
5 NEUROSE OBSESSIVA: PENSAMENTO, CONTROLE E AMBIVALÊNCIA	26
6 DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA: ANÁLISE DE <i>TIRZA</i>	32
6.1 <i>Tirza</i>, de Arnon Grunberg: apresentação da obra.....	32
6.2 Jörgen Hofmeester, o animal civilizado	39
6.2.1 <i>Ser no pensamento</i>	39
6.2.2 <i>Hofmeester, o predador.....</i>	41
6.2.3 <i>O jogo do amor</i>	46
6.2.4 <i>Considerações finais acerca de Tirza e a neurose obsessiva</i>	49
7 CONCLUSÃO.....	50
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a realizar uma articulação entre psicanálise e literatura ao propor uma análise do protagonista do romance de ficção *Tirza*, do autor holandês Arnon Grunberg, à luz da teoria psicanalítica, em especial no que se refere à neurose obsessiva.

A aproximação entre tais áreas do conhecimento não é algo recente, mas está presente desde os primórdios da teoria freudiana. Como afirma Ribeiro (2016), Freud sempre se mostrou um amante da literatura, citando obras e escritores clássicos com frequência em suas produções e tecendo sua própria escrita aos moldes da escrita literária. Para além do âmbito formal, obras clássicas como *Édipo Rei* e *Hamlet* foram utilizadas por ele para sustentar suas observações clínicas e embasar a teoria psicanalítica que então germinava. Em uma carta de 1897 ao médico Wilhelm Fliess, Freud relata que a leitura da tragédia grega foi fundamental para elucidar o fenômeno de amor à mãe e hostilidade contra o pai observado por ele em seu consultório, e para considerá-lo como possivelmente universal, característico das vivências infantis (RIBEIRO, 2016).

Já em 1908, no artigo *O escritor e a fantasia*, Freud explora a literatura em sua relação com a fantasia e afirma que “desejos não satisfeitos são as forças motrizes das fantasias, e cada fantasia é uma realização de desejo” (FREUD, 1908/2015, p. 330). O autor, então, compara o escritor com um “sonhador diurno”, afirmando que este parte de uma vivência infantil, de um período anterior em que o desejo era realizado, a partir da qual é mobilizado à criação literária, na qual tal desejo pode ser, no tempo presente, satisfeito (FREUD, 1908/2015, p. 336).

Dessa forma, compreende-se que a relação entre psicanálise e literatura está presente desde os primórdios do pensamento freudiano. Ribeiro (2016, p. 16) aponta para o fato de que, por maiores que tenham sido as transformações ocorridas ao longo da teoria freudiana, sua proximidade com a literatura foi conservada, sendo esta considerada por Freud como “material empírico, portanto, objeto de articulação e investigação pela psicanálise”. No mesmo sentido, Safra (2013), citado por Pereira e Próchno (2018), atenta para a amplitude da psicanálise, que não se restringe ao âmbito terapêutico no contexto clínico, mas se expande para toda a sociedade e cultura, e, portanto, à literatura e à arte no geral, constituindo-se como um importante instrumento de investigação, uma vez que “no consultório ou em outros espaços, o psicanalista é aquele que investiga os fenômenos humanos” (HERMANN, 2004, citado por PEREIRA; PRÓCHNO, 2018, p.2).

Compreende-se, assim, a relevância de se articular duas esferas do conhecimento que nutrem relação tão íntima. Cabe, no entanto, uma reflexão acerca da escolha da obra a ser analisada nesse trabalho. Por que este romance, dentre tantas obras literárias existentes?

Tirza, de Arnon Grunberg, foi publicado pela primeira vez na Holanda, em 2006, e posteriormente no Brasil, pela editora Rádio Londres, em 2016. É considerado a obra-prima do autor e, de acordo com a revista holandesa *De Groene Amsterdammer*, foi eleito por críticos literários, em 2010, o romance mais importante do século XXI¹.

O protagonista de *Tirza* é Jörgen Hofmeester, homem de meia idade, editor de livros, pai de família dedicado e obcecado pelas aparências. Sua ânsia por agradar se expressa por meio do perfeccionismo e da constante necessidade de controlar não só a si mesmo, mas também tudo e todos a sua volta. Conforme a narrativa se desenrola, costurando passado e presente, são apresentados diversos eventos que perturbam a tranquila vida burguesa do protagonista, desafiando seu autocontrole: a editora na qual trabalhou durante a vida toda decide demiti-lo; a filha mais velha, Ibi, é flagrada pelo pai tendo relações sexuais com um homem mais velho e sai de casa após o episódio; a esposa abandona a família e retorna após três anos com a casualidade de quem chega do trabalho e pergunta o que tem para o jantar.

Após a partida da esposa e da primogênita, Hofmeester se vê morando sozinho em Amsterdã com a filha mais nova, Tirza. Não é à toa que o livro é batizado a partir desta última personagem: a relação de fascínio e obsessão do pai para com a filha tange o limite do incesto, e ela é frequentemente referida por ele como “rainha do sol”, a filha preferida. O romance tem início com a festa de despedida de Tirza, que, após se formar no ensino médio, planeja uma viagem para a África com o namorado, mais uma situação em que o controle do protagonista é posto à prova.

A narrativa da obra é construída de modo que o leitor é capaz de sentir, desde as primeiras páginas, a tensão crescente que indica que algo de obscuro se esconde por trás das aparências: “*Tirza* é um romance que se sustenta com as coisas que ele esconde no texto. Grunberg joga pistas, uma ação ou frase que acende o alerta de que algo ruim está prestes a acontecer ou já aconteceu²”. Ao mesmo tempo em que a escrita de Grunberg utiliza-se de diálogos intensos, vale-se também do discurso indireto livre, o qual possibilita a mescla entre o

¹ De acordo com a contracapa do livro: GRUNBERG, A. **Tirza**. 1. ed. Rio de Janeiro: Radio Londres, 2016. 501 p

² Disponível em: <https://rizenhas.com/2016/05/resenha-tirza-de-arnon-grunberg/>. Acesso em 20 de set. de 2020.

discurso do narrador e as falas ou pensamentos das personagens³. Essa estratégia narrativa pode ser exemplificada pelo seguinte trecho:

Ele não respondeu. Já não estava mais concentrado em seu reflexo no espelho. Seu olhar correu para o banheiro, sobre o mármore, a banheira, o porta-toalhas, que era ao mesmo tempo aquecedor, para que de manhã no inverno, as toalhas estivessem quentinhas. Tudo organizado, tudo limpo. Tudo como devia ser (GRUNBERG, 2016, p. 62).

O uso do discurso indireto livre possibilita maior proximidade entre leitor e protagonista, contribuindo para que *Tirza* possa ser caracterizado como um romance psicológico. Trata-se, portanto, de uma obra cuja centralidade está no sujeito, em seus pensamentos, sentimentos e emoções, o que torna possível um verdadeiro mergulho no mundo introspectivo do personagem (PINTO, 2009). Dessa forma, o romance apresenta um narrador que, apesar de ser em terceira pessoa, circula de maneira impressionante pelos pensamentos do protagonista, levando o leitor a uma verdadeira imersão em sua consciência.

A narrativa, construída desse modo, possibilita ainda outro ponto de intersecção entre psicanálise e literatura. Para além de analisar a última enquanto produção cultural e, portanto, objeto de estudo da psicanálise por si só, é possível aproximar o fluxo de consciência, característico do romance psicológico, ao discurso do paciente no âmbito clínico. Como afirma Lowenkron (1999), a prática clínica do psicanalista é fundamentada na escuta, que se desdobra não apenas no discurso do paciente, mas também na subjetividade do analista, indispensável ao processo analítico. Nesse sentido, uma vez que a narrativa de *Tirza* possibilita tamanha imersão nos pensamentos do protagonista, os quais se descolam da situação presente para vagar por eventos passados ou pelos mais diversos elementos à sua volta, torna-se possível assemelhá-la à associação livre na análise. Resta então, nessa analogia, discorrer a respeito do “analista” – a pesquisadora – que absorve o “discurso”, em forma de narrativa literária, com o filtro de sua própria subjetividade. Retoma-se, portanto a questão: o que há em *Tirza* que mobiliza o aprofundamento em suas páginas para a elaboração dessa pesquisa?

A tensão crescente da narrativa leva o leitor a um estado de magnetismo pela obra, uma vez que tudo indica que há algo de estranho por detrás da fachada de normalidade das personagens, mas não se sabe, até o último momento, apontar o quê⁴. Estranhamento é a palavra que acompanha o leitor ao longo de toda a obra: é estranho o modo como o pensamento de Hofmeester se fixa nos elementos mais banais ao seu redor enquanto o mundo desaba em seu

³ Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/discurso-indireto-livre/>. Acesso em 18 de set. de 2020.

⁴ Disponível em: <https://rizenhas.com/2016/05/resenha-tirza-de-arnon-grunberg/>. Acesso em 18 de set. de 2020.

entorno; é estranha sua relação com a filha e com a esposa; é estranha sua brutal passividade diante de tudo o que lhe acontece. A leitura de *Tirza* provoca os mais variados sentimentos no leitor, de compaixão a raiva, passando por aversão e repulsa pelo protagonista. As personagens se mostram perturbadas e perturbadoras, e tal sentimento ronda o leitor durante toda a experiência de leitura. O livro é descrito por leitores e comentadores como sinistro, sombrio e assustador, mas também fascinante, brilhante e instigante ⁵.

Em *O escritor e a fantasia*, Freud (1908/2015) comenta brevemente a respeito dos efeitos da produção literária no leitor ao relacioná-la com as fantasias. De acordo com o autor, a brincadeira da criança – momento em que esta cria seu próprio universo tal como lhe apetece, despendendo, assim, de grande quantidade de energia – é a semente do que virá a ser a fantasia do adulto, atividade igualmente prazerosa. Assim, ao equiparar o escritor com o “sonhador diurno”, Freud afirma que “tanto a obra literária como o devaneio são prosseguimento e substituição do que um dia foi brincadeira infantil” (FREUD, 1908/2015, p. 336). Diferentemente da criança que brinca, contudo, o adulto se envergonha de suas fantasias e tende a escondê-las, uma vez que sua exposição resultaria em choque por parte dos outros indivíduos.

Freud questiona, então, por que, ao contrário, nos encantamos com as produções literárias e delas extraímos tanto prazer, sinalizando que é nesse mistério que se encontra a verdadeira chave para a literatura enquanto produção artística. O autor afirma, assim, ser possível imaginar que o escritor atenua suas fantasias condenáveis e apresenta ao leitor uma tradução alterada das mesmas, cuja forma e estética são o que provoca prazer no leitor, mas prazer preliminar, ou seja, aquele que possibilita a “liberação de um prazer ainda maior, de fontes psíquicas mais profundas” (FREUD, 1908/2015, p. 338). Nesse sentido, o interesse pela produção literária, bem como o prazer extraído dela, estaria relacionado ao fato de que o escritor, por meio de sua obra, possibilita que também o leitor, ao liberar tensões psíquicas, desfrute de suas próprias fantasias sem censura.

É possível compreender, portanto, o porquê de *Tirza*, obra que gera tanto estranhamento e incômodo, causar também tanta atração e fascínio no leitor, mobilizando a investigação da obra. A análise à qual se propõe esta pesquisa, então, está relacionada principalmente à neurose obsessiva, considerando que o contato quase que direto do leitor com os pensamentos do protagonista possibilita reconhecer nele uma série de elementos, tais como o controle

⁵ Disponível em: <https://obenedito.com.br/imperturbavel/>. Acesso em 18 de set. de 2020.

exacerbado, o isolamento afetivo e a ambivalência, característicos dessa forma de organização psíquica.

Na neurose obsessiva, o sujeito é tomado pela ânsia por controle e, como apontado por Farias e Cardoso (2013), visa a criar um mundo paralisado, sem falhas, que segue à risca suas condições absolutas e impermeáveis – algo que só seria possível com a morte. Nesse cenário, a moralidade e a ambivalência entre amor e ódio têm papel central, e o neurótico obsessivo se torna um tirano, cujo ódio e agressividade, mesmo quando velados, são direcionados não só aos outros, mas também ao próprio sujeito. A agressividade de Jörgen Hofmeester, oculta por trás da passividade e do autocontrole, não fica para sempre embotada, mas escapa com toda a força ao final da obra, como será apresentado ao longo desta pesquisa.

Este trabalho, então, divide-se em duas etapas. A primeira consiste na retomada teórica, baseada fundamentalmente em Freud e utilizando-se de algumas ideias lacanianas, que constitui o alicerce do restante da pesquisa. Esta etapa se divide em três capítulos.

No primeiro, trata-se da temática do diagnóstico em psicanálise, considerando suas diferenças em relação ao diagnóstico médico dominante e sua função para a prática clínica. Discorre-se, assim, sobre o diagnóstico para Freud e Lacan enfatizando seu caráter amplo, uma vez que parte de uma visão do sujeito que transcende a classificação de sintomas e os enquadra em um contexto abrangente, atentando-se para o seu *sentido*.

O segundo capítulo, por sua vez, explora a constituição do sujeito para a psicanálise. Em um primeiro momento, é feita uma exposição acerca das construções teóricas iniciais de Freud a respeito da neurose, sob influência de sua primeira tópica. Em seguida, discorre-se sobre as mudanças teóricas emergidas a partir da segunda tópica freudiana, passando pelo complexo de Édipo enquanto constitutivo do psiquismo e reconhecendo a centralidade do complexo de castração nesse processo. Finalmente, nesse capítulo, são apresentadas algumas concepções lacanianas que possibilitam a compreensão da neurose como uma das possíveis saídas do sujeito frente à angústia de castração.

O terceiro capítulo consiste no aprofundamento na categoria diagnóstica que é o foco deste trabalho, a neurose obsessiva. São elucidados seus principais elementos e sintomas característicos, tais como a ambivalência afetiva, a ânsia por controle e o superinvestimento no pensamento, e são apresentadas considerações a respeito da relação do sujeito obsessivo com a falta e o desejo, pautadas na teorização lacaniana.

Após os capítulos teóricos, na segunda etapa do trabalho, é apresentada a articulação entre a teoria psicanalítica exposta e a obra literária. O quarto e último capítulo é composto por dois momentos. No primeiro deles, o enredo de *Tirza* é apresentado de forma mais detalhada, de modo que seja possível entrar em contato não apenas com eventos marcantes da trama, mas também com a personalidade de seus personagens, ilustrando as relações estabelecidas entre eles. Em seguida, busca-se, a partir do enredo do romance, amarrar as considerações feitas ao longo da pesquisa. Ao relacionar os conceitos teóricos com a obra literária, procura-se ilustrar e elucidar, por meio de trechos do livro, as dinâmicas e os sintomas presentes na neurose obsessiva.

Partindo dessa proposta, faz-se necessário ressaltar a dificuldade de se analisar uma obra literária, como proposto por Ribeiro (2016) ao comparar a literatura e o processo analítico no consultório. Enquanto no último a demanda por interpretação vem do analisando, que pode ou não a legitimar, no caso da interpretação de uma obra literária a demanda é daquele que a interpreta, mobilizado por ela de alguma forma. Faz-se necessário, portanto, reconhecer que tal interpretação é limitada, uma vez que há uma série de leituras possíveis, sendo preciso cuidado para não deformar a obra literária na intenção de encaixá-la em um molde prévio.

Nesse sentido, Malard (2013), citado por Pereira e Próchno (2018), aponta para o fato de que desde a década de 90, psicanalistas interessados na articulação com a literatura têm tendido a abandonar uma postura pretensiosa de redução do entendimento da obra a uma única análise, tendo como objetivo, por outro lado, ampliar os seus sentidos. Os autores afirmam, então, que

Em concordância, Marzagão et al. (2012) relatam que, quanto à metodologia, o que ocorre não é mais uma análise que tem seu limite na aplicação da psicanálise à literatura, mas sim uma proposta de implicação mútua, em que a investigação não se detém, pois não existe propriamente uma psicanálise aplicada; ela está sempre em construção, em *Devir*, em movimento (PEREIRA; PRÓCHNO, 2018, p. 2).

Com base em tais considerações, este trabalho se pretende a um exercício de reflexão teórica acerca da neurose obsessiva a partir do romance *Tirza*, de Arnon Grunberg, considerando a análise de seu protagonista um interessante meio de ilustrar a dinâmica dessa neurose. Tendo em vista, ainda, a importância e a complexidade de se fazer um diagnóstico em psicanálise (LOWENKRON, 1999), afirmar que o protagonista é um obsessivo seria um uso grosseiro do diagnóstico psicanalítico. Nesse sentido, reitera-se que seu modo de pensar e agir, tal como é narrado no romance, possibilita reconhecer mecanismos de funcionamento

característicos dessa estrutura clínica, tratando-se, portanto, de uma das muitas interpretações possíveis.

2 METODOLOGIA

De modo a cumprir com o objetivo desta pesquisa, foi feita uma revisão bibliográfica de textos que possibilitassem, por um lado, o aprofundamento na teoria psicanalítica a respeito da neurose obsessiva e, por outro, o estabelecimento de relações entre psicanálise e literatura.

Além de resenhas do romance em questão, foram consultados outros trabalhos que se propuseram a analisar obras literárias, de modo a compreender as relações possíveis entre as duas áreas do conhecimento e observar de que forma eram feitas tais análises. No âmbito da teoria psicanalítica, foram usadas principalmente obras de Freud, de diferentes momentos de sua construção teórica, além de trabalhos de autores contemporâneos, pós-freudianos e pós-lacanianos. Foram procurados textos que contribuíssem para a compreensão das categorias diagnósticas da psicanálise, da constituição subjetiva, do funcionamento da neurose e, mais especificamente, da neurose obsessiva. As referências utilizadas foram acessadas por meio de livros físicos e de plataformas eletrônicas, tais como Scielo, Google Acadêmico e PePSIC a partir da busca de palavras-chave: psicanálise e literatura; neurose obsessiva e agressividade; neurose obsessiva e controle, masoquismo, diagnóstico em psicanálise, complexo de Édipo e constituição subjetiva.

A articulação entre a teoria e o romance *Tirza* (GRUNBERG, 2016) foi feita a partir da análise de seu protagonista, partindo da ideia de que seus pensamentos e seu modo de agir e de se relacionar poderiam ilustrar mecanismos presentes na neurose obsessiva. Uma vez que tal análise foi feita a partir da psicanálise, cabe aqui apresentar alguns pontos importantes a respeito de como se dá a pesquisa em psicanálise para além do contexto clínico dos consultórios.

De acordo com Sampaio (2006), o método da pesquisa psicanalítica, para Freud, é a interpretação. Ou seja, o método psicanalítico tem como objetivo, a partir da relação transferencial entre o pesquisador e o pesquisado, trazer à tona sentidos e significações anteriormente encobertos. A investigação psicanalítica consiste, portanto, em revelar os sentidos inconscientes não só de palavras ou ações dos sujeitos, mas também de qualquer produção humana (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016). No mesmo sentido, Sampaio (2006, p. 251) aponta para o fato de que a psicanálise, desde seus primórdios, não se encerra em si mesma, mas dialoga a todo momento com as mais diversas áreas do conhecimento: “A pesquisa psicanalítica aspira à condição transdisciplinar, deseja-a”. Reitera-se, portanto, que a psicanálise não se limita ao contexto clínico, mas se desenrola a todas as produções humanas, como coloca Birman (1993), citado por Violante (2000, p. 110): “uma vez que traz a marca do inconsciente, tudo o que é humano, em última instância, é da alçada da Psicanálise”.

No contexto extraclínico, o método interpretativo característico da psicanálise pode ser transposto do *setting* analítico para a leitura de textos, tal como foi feito nesta pesquisa. A esse respeito, Mezan (2005, p. 99, grifo do autor) afirma:

O objeto de pesquisa [...] é aqui constituído por *textos*, e não por aquilo que se costuma designar como “material clínico”. Mas se trata de textos bastante particulares, na medida em que buscam descrever, conceituar e explicar um universo de fenômenos que, em última instância, remetem à – quando não diretamente originados pela – situação analítica.

Nesse sentido, a regra fundamental do tratamento psicanalítico – a associação livre do analisando e a atenção flutuante do analista –, quando transposta para o âmbito da leitura de textos, consiste em absorver a obra tal como ela se apresenta, sem omitir ou privilegiar, a priori, quaisquer elementos (LAPLANCHE, 1969, citado por MEZAN, 2005).

A análise do protagonista de *Tirza*, portanto, foi feita a partir desse olhar interpretativo, na busca por reconhecer sentidos encobertos por trás de seus pensamentos e ações. A partir dessa leitura, foi possível identificar no protagonista uma série de elementos característicos da neurose obsessiva, objeto de estudo deste trabalho, que mobilizaram o desenvolvimento desta pesquisa. Após a elaboração dos capítulos teóricos, foi feita uma segunda leitura do romance, pautada, dessa vez, em um olhar mais atento a tais elementos, buscando trechos que pudessem ser ilustrativos da neurose obsessiva. Tais trechos foram grifados e utilizados para embasar as articulações feitas no último capítulo.

No entanto, é fundamental ressaltar que a interpretação elaborada ao longo desta pesquisa é apenas uma das inúmeras compreensões possíveis a respeito do romance, não tendo o intuito de reduzir a obra a uma única possibilidade. A interpretação psicanalítica do romance pretende, de outra forma, ampliar seus sentidos, já que “a psicanálise jamais se posiciona enquanto algo pronto, acabado, que possa ser simplesmente aplicado para se estudar qualquer objeto” (MARZAGÃO et al., 2012, citado por PEREIRA; PRÓCHNO, 2018, p. 2).

3 O DIAGNÓSTICO EM PSICANÁLISE E O SENTIDO DOS SINTOMAS

Diante da tarefa à qual se propõe esse trabalho ao discutir a neurose obsessiva, faz-se relevante explorar o campo das categorias diagnósticas para a psicanálise.

Abel (2013) aponta o diagnóstico como método – uma vez que tem como cerne a investigação e a produção de conhecimento – que fundamenta a técnica psicanalítica, ou seja, as intervenções do tratamento. Surge então um paradoxo, já apontado por Freud (1895) ao afirmar que, ao mesmo tempo em que o diagnóstico só é possível após uma análise profunda, é também fundamental para o início do tratamento psicanalítico.

No mesmo sentido, Fink (2018) afirma que a importância clínica do diagnóstico reside principalmente na condução do manejo terapêutico, no modo como o analista situará o paciente na transferência e nas intervenções possíveis ao longo do processo de análise. Compreende-se, assim, que, diferentemente de abordagens como a da psiquiatria moderna, cujas categorias diagnósticas limitam-se a rotular e classificar sintomas, o diagnóstico psicanalítico visa a situá-los em um contexto mais amplo, atentando para seu sentido e compreendendo-os enquanto manifestações associadas ao quadro clínico em questão. O diagnóstico em psicanálise, portanto, vai muito além de uma classificação de sintomas e caminha ao lado do próprio tratamento (ABEL, 2013).

Opondo-se novamente às concepções médicas atuais do diagnóstico, que se caracterizam pela abundância de categorias fundamentadas em sintomas, a compreensão psicanalítica do diagnóstico resume-se a apenas três categorias – neurose, perversão e psicose – propostas inicialmente por Freud e sistematizadas enquanto estruturas clínicas por Lacan. No que se refere à compreensão do diagnóstico pelos dois autores, é possível dizer que, em ambos, o objetivo da classificação reside em avaliar a adequação dos sujeitos ao tratamento analítico, bem como em orientar seu desenrolar (ABEL, 2013).

Para Freud, tanto em um primeiro momento de sua clínica, marcado pelo método catártico, quanto posteriormente, com o método psicanalítico baseado na livre associação, a fase inicial do tratamento consistia no diagnóstico fundamentado não apenas nos sintomas, mas também em sua etiologia, as defesas psíquicas. Nesse sentido, o recalque, a denegação e a recusa (ou recalque, desmentido e forclusão, em termos lacanianos) seriam os mecanismos de defesa fundamentais da neurose, perversão e psicose, respectivamente (ABEL, 2013; FINK, 2018). Entende-se, além disso, que o diagnóstico inicial em Freud se calcava principalmente nos chamados sintomas *típicos*, os mais comumente encontrados nos quadros clínicos

específicos, mas também se baseava no posicionamento dos pacientes frente a seus sintomas. Abel (2013, p. 23), citando Freud (1917), afirma que o andar do tratamento, por sua vez, era pautado sobretudo nos sintomas *individuais*, relacionados às experiências particulares dos sujeitos, pois, a partir da compreensão freudiana, mais importante do que a *forma* dos sintomas é seu *conteúdo*, “supondo que o conteúdo diz respeito à experiência do sujeito, isto é, que o sintoma tem sentido”.

No que se refere às categorias diagnósticas, a clínica lacaniana parte de uma tentativa de sistematizar e dar continuidade ao trabalho de Freud, mantendo a distinção entre as três estruturas clínicas fundamentada nos três mecanismos de defesa frente à angústia de castração (FINK, 2018). De forma semelhante à abordagem freudiana do diagnóstico, o enfoque da análise seria o conteúdo, o *sentido* do sintoma, mas para além disso, a posição do sujeito em relação ao desejo. Nesse sentido, Fink (2018), ao discorrer acerca das semelhanças e divergências entre as neuroses histérica e obsessiva, atenta para a necessidade de um olhar que transcende o sintoma. Embora seja comum compreender a histeria enquanto organização subjetiva cujos sintomas se manifestam no corpo, ao passo que a neurose obsessiva consistiria em um investimento exacerbado na mente, o autor ressalta a permeabilidade desses pressupostos. Ressalta-se que o mesmo sintoma pode se manifestar em diversas categorias clínicas, como é o caso de obsessivos cujos sintomas aparecem também no corpo. Mais uma vez tendo como ponto de partida a ideia de que os sintomas têm sentido, Fink (2018, p.130) atenta à importância de atenção às partes do corpo nas quais os sintomas se manifestam, uma vez que, tal como na histeria, os sintomas somáticos dos obsessivos podem dar notícias do conflito subjacente: “Será à toa, por exemplo, que a ‘somatização’ do obsessivo demonstra uma predileção tão marcante pelos tratos digestivo e excretor?”.

Apesar do diagnóstico estrutural ter papel fundamental na clínica lacaniana, esta está de acordo com Freud ao considerar a importância, para a prática do analista, do olhar àquilo que é individual, suspendendo todo o conhecimento anterior ao se deparar com um novo caso. Abel (2013, p. 27), aponta que “o diagnóstico estrutural não é suficiente e decisivo para a prática” e continua: “o que emerge da mesma estrutura, não tem forçosamente o mesmo sentido. É nisso que não há análise que do particular: não é absolutamente de um sentido único que procede uma mesma estrutura” (LACAN, 1973/2001, p. 557, citado por ABEL, 2013, p. 27, tradução do autor).

A partir de tais considerações, é possível compreender que as categorias diagnósticas apresentam mecanismos e modos de funcionamento específicos, não se restringindo a seus

sintomas típicos e não tendo como objetivo o enquadramento e a classificação rígida dos sujeitos. Possibilitam, de outra forma, a ampliação do olhar sobre os sintomas e o modo de ser dos sujeitos, tornando clara, portanto, sua importância no que se refere à prática clínica. Na intenção de elucidar tais categorias diagnósticas enquanto formas de organização subjetiva – tendo como foco principal a neurose, para, então, nos debruçarmos sobre a neurose obsessiva – serão apresentadas a seguir considerações acerca da constituição subjetiva para a psicanálise.

4 NEUROSE E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

Inaugurada com o tratamento das histéricas no século XIX, a clínica de Freud manteve-se, ao longo de toda a sua vida, profundamente atrelada à neurose, a suas dinâmicas e seus mecanismos. De modo a compreender a neurose enquanto forma de constituição subjetiva, cabe aqui revisitar as principais construções de Freud a seu respeito, passando por momentos iniciais até posteriores de sua teoria.

4.1 Algumas construções iniciais de Freud sobre a neurose

Em um momento ainda incipiente de suas construções teóricas, alicerçado nas pesquisas de Josef Breuer e Pierre Janet, Freud aponta características comuns entre histeria, fobias e obsessões, dando notícias daquela que viria a ser chamada “teoria da defesa” ou “do recalçamento” (FREUD, 1894/1996).

Na busca por compreender e elucidar o terreno nebuloso das afecções psíquicas no qual então se debruçava, o autor apoia-se, no artigo *As neuropsicoses de defesa* (1894/1996), na ideia de divisão da consciência, considerada central tanto na histeria quanto nas duas outras formas de neurose. Tal divisão teria em sua origem uma experiência, vivida pelo paciente, que lhe suscitaria um afeto insuportável a ponto do sujeito – por meio de um esforço voluntário, mas inconsciente – esquecê-lo. Ou seja, devido a uma “incompatibilidade em sua vida representativa”, o sujeito opta por esquecer – recalcar – a representação que lhe havia desencadeado afeto tão aflitivo, incompatível com seu Eu (FREUD, 1894/1996, p.55). Ocorre, nesse sentido, uma dissociação entre a representação e o afeto a ela associado, enfraquecendo-a pela retirada de sua carga libidinal.

Freud aponta, no referido artigo, que tal mecanismo seria comum às três neuroses, mas que em nenhum dos casos o recalque é bem-sucedido, uma vez que, apesar de enfraquecer a representação incompatível, não é capaz de erradicá-la por completo, tampouco o afeto a ela associado (FREUD, 1894/1996). O conteúdo recalçado, portanto, acaba por se manifestar em outros campos:

Quando um pensamento é recalçado, ele não permanece adormecido. Liga-se a outros pensamentos correlatos e procura expressar-se sempre que possível, em sonhos, lapsos, atos falhos e sintomas. O recalçado e o retorno do recalçado são uma coisa só, diz-nos Lacan. [...] Na verdade, nossa única “prova” da existência do recalçado é o seu retorno, sua manifestação sob a forma de perturbações ou interrupções (FINK, 2018, p.129).

A respeito do retorno do recalçado, Freud (1894/1996) afirma que os sintomas se manifestam de diferentes formas a depender da neurose. Enquanto na histeria a representação

incompatível é recalcada e o afeto é direcionado ao corpo, produzindo sintomas somáticos por meio da conversão histérica, na neurose obsessiva o processo é outro: a representação inicial, agora enfraquecida, permanece no campo consciente, mas desprovida do afeto. Este, por sua vez, desloca-se para outras representações que, contrariamente àquela inicial, não são incompatíveis com o Eu, transformando-as em representações obsessivas.

Em *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, Freud (1896/1996), lapidando sua teoria das neuroses, ocupa-se de desvelar sua origem, argumentando que esta seria composta por três classes: a) *precondições*, nas quais se enquadra a hereditariedade; b) *causas concorrentes*, como sobrecarga física e mental, que contribuiriam para o surgimento da neurose; e c) *causas específicas*, aquelas indispensáveis e presentes na etiologia de um distúrbio específico. O autor afirma, então, embasado em suas experiências clínicas, que tanto no caso da neurose obsessiva quanto no da histeria a causa específica diz respeito à vida sexual do sujeito, tanto passada quanto presente. No caso da histeria, o agente causador seria a lembrança de uma experiência de abuso vivida em um período muito precoce da vida do sujeito e mantida inconsciente até então, ao retornar como sintoma no tempo presente. Tal experiência sexual, de acordo com o autor, seria vivida de forma *passiva*, suscitando no sujeito indiferença ou “um pequeno grau de aborrecimento ou medo” (FREUD, 1896/1996, p. 154). Por outro lado, na neurose obsessiva, apesar de o mesmo tipo de experiência de abuso estar presente, esta seria vivida de forma ativa e até mesmo prazerosa.

Até este momento da teoria freudiana, com base naquilo que lhe era relatado em sua clínica, Freud pautava-se na ideia de que tais experiências sexuais precoces teriam sido efetivamente vividas, na realidade concreta, por seus pacientes. É em 1897, em sua correspondência com o médico Wilhelm Fliess, que Freud anuncia não acreditar mais em sua teoria das neuroses. Argumentando que, se os abusos relatados por seus pacientes houvessem de fato ocorrido, uma enorme parte dos homens da Viena do século XIX seria de abusadores, Freud conclui, então, não se tratar de uma experiência da realidade concreta, mas da realidade psíquica: “(...) no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (FREUD, 1892-1899/1996, p. 310.). Tal passagem da teoria do trauma-sedução para a teoria da fantasia constitui-se como um momento central para o pensamento freudiano, uma vez que o enfoque de suas pesquisas se distancia do campo do factual para adentrar ainda mais no terreno enigmático do inconsciente – marcado pela atemporalidade e pela coexistência de ideias contraditórias –, reconhecendo sua

soberania. Como bem colocado por Freud (1917/2010, p. 250-251) “*o Eu não é senhor em sua própria casa*”.

Nesse sentido, a partir de tal descoberta de Freud, os relatos de sua clínica diriam respeito a uma *fantasia* de sedução, uma narrativa inconsciente que, em última instância, representa um desejo do sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016). Compreende-se, assim, que os sintomas neuróticos têm como cerne o desejo sexual inconsciente, que, em busca de satisfação, encontra nas manifestações neuróticas uma realização possível, apesar de deformada pelas censuras do aparelho psíquico.

4.2 A influência da segunda tópica

Com o amadurecimento da teoria freudiana e a elaboração de suas teorias das pulsões, suas considerações a respeito do inconsciente, dos sintomas e da neurose como um todo passam a ser mais estruturados, especialmente a partir da segunda tópica, que instaura o Eu, o Supereu e o Id como instâncias regentes da vida psíquica. Até então, suas ideias se pautavam na divisão da psique entre consciente – aquilo que efetivamente se faz presente na consciência –, pré-consciente – conteúdos latentes capazes de emergir à consciência com facilidade – e inconsciente, composto por material recalcado. A partir de 1923, Freud propõe mudanças fundamentais em sua teoria ao descrever tais termos não mais como campos tópicos, mas como *qualidades* possíveis do conteúdo psíquico. No texto *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) descreve o Eu, instância mediadora com o mundo externo, como ligado à consciência, mas atenta para o fato de ser ele o responsável pelos mecanismos do recalque e da resistência, ambos inconscientes para os sujeitos por eles afetados. Nesse sentido, torna-se clara a ideia de que também no Eu há algo de inconsciente. Enfatiza-se, então, o inconsciente não mais como um *lugar*, depósito de material recalcado, mas como uma *qualidade* possível de todas as instâncias psíquicas. Freud aponta, então, que a partir de tais considerações, o conflito nuclear da neurose não mais seria a oposição entre consciente e inconsciente, mas sim “aquela entre o Eu coerente e aquilo reprimido que dele se separou” (FREUD, 1923/2011, p. 21).

A respeito do inconsciente, também no texto de 1923 são apresentadas novas considerações importantes. De forma distinta daquilo que era considerado em sua primeira tópica, Freud (1923/2011, p. 21-22) afirma: “Reconhecemos que o *Ics* não coincide com o reprimido; continua certo que todo reprimido é *ics*, mas nem todo *Ics* é também reprimido”. Freud introduz, então, o termo “Id” para se referir à instância mais primordial do psiquismo, aquela totalmente inconsciente que, para além do material recalcado, abarca as pulsões do indivíduo, a energia psíquica em constante movimento, que, regida pelo princípio do prazer,

não cessa de insistir em sua satisfação. Frente a esse caldeirão pulsional, o Eu se apresenta, enquanto mediador entre o mundo externo e o restante do psiquismo, como aquele capaz de domar a selvageria do Id; pressionado pelas exigências do mundo externo, o Eu se empenha em desviar e postergar a satisfação das pulsões (FREUD, 1923/2011; LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

A partir de tais considerações, Freud (1924a/2011) situa o Eu como uma instância que serve a três senhores – o mundo externo, o Id e o Supereu –, devendo articular-se para fazer as vontades de todos. No que diz respeito ao último dos senhores, o Supereu, Freud (1923/2011, p. 45) o apresenta como “herdeiro do complexo de Édipo”, na medida em que se origina da introjeção, por meio do mecanismo da identificação, de objetos perdidos aos quais a libido do sujeito estava anteriormente direcionada. Nesse sentido, “um investimento objetal [direcionado no período edípico ao pai e a mãe] é substituído por uma identificação [com os mesmos objetos]” (FREUD, 1923/2011, p.35). O Supereu, portanto, constitui-se a partir de tais objetos, por meio da internalização da autoridade dos pais, e adquire caráter de advertência e de proibição; ao mesmo tempo em que estipula aquilo que o sujeito deve buscar ser, também determina aquilo que ele não deve ser ou fazer (FREUD, 1923/2011, 1924b/2011). Assim, Freud (1923/2011) coloca que, da mesma forma que os desejos edípicos foram interditados pelos pais, principalmente pelo pai, o Supereu se constitui com a internalização dessa proibição, apresentando-se como a instância responsável pela consciência moral e pelo sentimento de culpa.

Com base nessas formulações de 1923, Freud (1924a/2011) retorna à ideia do conflito na neurose e a compara com a psicose, afirmando que, enquanto na última o que está em cena é um conflito entre o Eu e o mundo externo, no caso da neurose o embate diz respeito a um conflito entre o Eu e o Id. De acordo com o autor, a raiz de ambas as categorias clínicas é a frustração decorrente da não realização de um desejo infantil; o que depende é a qual de seus senhores – o mundo externo ou o Id – o Eu se manterá fiel.

Nesse sentido, Freud (1924a/2011) postula que na neurose o Eu, a serviço do mundo externo e do Supereu, se opõe à satisfação de uma pulsão do Id e defende-se dela por meio do mecanismo do recalque. Como bem se sabe, contudo, o conteúdo recalcado não se aquieta com esse destino, mas tenta fazer-se presente a todo custo, até que se apresenta ao Eu de outra forma, deformado em uma solução de compromisso, o sintoma, que substitui o conteúdo recalcado original. Torna-se clara, então, a posição de mediador na qual o Eu se encontra, pois ao mesmo tempo em que se mantém fiel às exigências externas, não cedendo por completo às pulsões do

Id, possibilita também a satisfação das mesmas, mas de outro modo; uma satisfação postergada, desviada e deformada pelas resistências, mas ainda assim, satisfação – é nesse sentido que o sintoma se constitui como uma solução de compromisso. O autor aponta, então, que tal como havia ocorrido com a pulsão, o Eu entra em conflito com o sintoma que a substitui, dando origem ao quadro da neurose.

4.3 O complexo de Édipo como estruturante da constituição psíquica

A partir do que foi apresentado a respeito do desenvolvimento da teoria de Freud sobre as neuroses, é possível reconhecer uma série de elementos – tais como a centralidade, na neurose, da fantasia sexual, geralmente direcionados aos pais – que tornam clara a relevância em situar o complexo de Édipo como fundamental na constituição subjetiva. Moreira (2004) aponta que, considerado o “complexo nuclear” das neuroses, o processo edípico é decisivo tanto no que se refere à estruturação da sexualização do sujeito quanto no que diz respeito à sua organização psíquica, alicerçada na diferenciação entre os sexos e na posição do sujeito em relação à angústia de castração.

A autora divide a construção teórica freudiana acerca do complexo de Édipo em quatro momentos. No mais inicial deles, tomando forma na correspondência com Wilhelm Fliess, o Édipo é situado na teoria dos sonhos. Ao mesmo tempo em que corrobora a ideia de que estes seriam manifestações de desejos inconscientes, esse momento teórico tem importância em consolidar a teoria da fantasia: uma vez que os relatos de experiências de sedução na infância passam a ser considerados no âmbito das fantasias inconscientes, não da realidade concreta, é coerente pensar que a fantasia sexual se direciona, quase que em todos os casos, aos pais, já que são eles as figuras presentes nos relatos de sedução dos pacientes (MOREIRA, 2004).

No segundo momento, o complexo de Édipo é teorizado a partir do texto de Freud *Totem e Tabu* (1912-1913), quando se discute se o horror ao incesto seria algo inato ou não. Sob o argumento de que, se a aversão ao incesto fosse de fato inata, não haveria por que proibi-lo por meio de leis, Freud defende a ideia contrária, como apresenta Moreira (2004, p. 222): “O saber psicanalítico revela, baseado na clínica, que os desejos sexuais na infância são invariavelmente de caráter incestuoso”. Nesse sentido, retoma-se a ideia, já exposta por Freud desde suas cartas para Fliess, de que o ser humano é obrigado a abdicar da expressão plena de sua sexualidade em prol da sociedade. *Totem e Tabu* (FREUD, 1912-1913) constitui-se, portanto, como um marco na teorização do complexo de Édipo na medida em que o situa no âmbito cultural; para

além da esfera pessoal dos desejos inconscientes da criança, o Édipo passa a ser entendido como fenômeno decisivo para a entrada do indivíduo na cultura (MOREIRA, 2004).

A autora expõe, ainda, que afirmar que o complexo de Édipo tem importância fundamental na constituição do sujeito é, em última instância, reconhecer que a presença do outro é essencial nesse processo. O outro apresenta-se, nesse sentido, como figura anterior à existência do *eu*, a partir da qual a estruturação e constituição deste se torna possível (MOREIRA, 2004).

Esta ideia articula-se com o terceiro momento da teorização do Édipo proposto pela autora, no qual o conceito de identificação tem papel central. Descrita por Freud (1921/2011) como o mais antigo laço afetivo com outra pessoa, a identificação é vivida pela criança no processo edípico na medida em que ela toma um dos pais como ideal, como modelo daquilo que gostaria de vir a ser, ao mesmo tempo em que passa a investir libidinalmente no outro, por exemplo a mãe, tomando-o como objeto. Nesse processo, o pai passa a se constituir como um obstáculo entre a criança e a mãe, e sua identificação com ele adquire caráter hostil, sendo marcada, portanto, pela ambivalência afetiva. Freud (1921/2011) aponta, além disso, que no momento em que a criança se vê obrigada a renunciar a seu objeto de amor – no exemplo, a mãe – opera então outro tipo de identificação: a criança introjeta o objeto, agora perdido, na tentativa de substituí-lo. De acordo com Moreira (2004, p. 224), como apresentado anteriormente, é a partir de tais identificações com as figuras paternas que se constitui o Supereu:

Para preservar o objeto externo, o superego, introjeta os resíduos da relação libidinal e, assim, controla, pune e auto-observa o sujeito. É o representante da consciência moral, aquela instância que garante os limites entre as relações. O superego representa um símbolo abstrato da lei da proibição do incesto, psiquicamente introjetada e, nesse sentido, guarda algumas semelhanças com a lógica do totem.

Com base em tais considerações, compreende-se de que formas o mecanismo de identificação contribui para a constituição do sujeito; ao mesmo tempo em que pauta seus ideais, também é responsável pela instalação do Supereu. O motivo pelo qual a criança se vê obrigada a renunciar a seu objeto de desejo, por sua vez, é melhor elucidado a partir do quarto momento do complexo de Édipo na teoria de Freud, que coloca a castração em foco.

No texto *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924b/2011) discorre acerca do desenvolvimento sexual infantil e apresenta a ideia de que, simultaneamente ao complexo de Édipo, opera na criança a fase fálica, de primazia do órgão genital masculino. Como em todo o

percurso de sua teoria, Freud toma o menino como centro a partir do qual desenvolve suas ideias e descreve o processo edípico do ponto de vista da criança do sexo masculino, para então transpô-lo, com alterações e novas considerações, para a menina.

Nesse sentido, o autor afirma que, na fase fálica, o garoto apresenta grande interesse por seu órgão genital e o manipula com frequência, o que resulta em repreensões por parte dos adultos. Surge, assim, a ameaça de que o pênis, tão valioso à criança, possa lhe ser roubado. Freud (1924b/2011) aponta que, inicialmente, tal ameaça de castração não tem grande impacto sobre o garoto, mas que a partir da percepção da diferença anatômica entre os sexos, com a visão do órgão genital feminino, desprovido do pênis, a perda de seu próprio genital torna-se concebível. Ressalta-se, a esse respeito, que ao longo de seu desenvolvimento a criança que está no auge do processo edípico já experienciou dois momentos semelhantes à ameaça de castração que se lhe apresenta. Tanto o desmame quanto o desfralde se constituem, para ela, como momentos de dolorosa perda de objetos, o seio da mãe e as fezes, que eram vividos como partes de seu próprio corpo, das quais a criança é convocada a se separar (FREUD, 1924b/2011).

A ameaça de castração toma, então, lugar central no complexo de Édipo. Freud (1924b/2011, p. 208) expõe que ambas as satisfações possíveis para o menino – a *ativa*, a partir da qual rivaliza com o pai ao querer se colocar em seu lugar para tomar a mãe como objeto, e a *passiva*, na qual busca substituir a mãe para obter o amor do pai – tornam-se impossíveis frente à ameaça de castração, “pois ambas acarretavam a perda do pênis, uma, a masculina, como castigo, a outra, feminina, como pressuposto”. Diante disso, o menino se vê em um embate:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (FREUD, 1924b/2011, p. 208).

Entende-se, portanto, que o complexo de Édipo do menino tem fim com a ameaça de castração, ao passo que, para a menina, ocorre justamente o contrário. Em 1925, no texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, Freud apresenta a ideia de que, também para a menina, o primeiro objeto de amor é a mãe. A relação que estabelece com a castração, contudo, difere da do menino na medida em que a percepção do genital masculino suscita na garota o sentimento de inferioridade; a concepção da própria castração constitui-se, para ela, como uma ferida narcísica. É então que a menina se afasta do objeto materno, por considerá-lo responsável por sua ausência de pênis. Freud (1925/2011)

afirma, então, que por meio de uma equação simbólica que equivale o genital masculino a um bebê, a garota substitui o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um filho, tomando o pai como objeto de amor e, nesse sentido, dando início a seu complexo de Édipo por meio do complexo de castração, em oposição ao menino.

A esse respeito, Moreira (2004) atenta para a ideia de que a concepção de que o complexo de Édipo feminino só tem início, de fato, com a troca do objeto de amor da mãe para o pai parece ser pautada em um pensamento excessivamente biológico – e heteronormativo – de Freud, que coloca a obrigatoriedade de a mulher direcionar-se ao homem. A autora propõe, de outra forma, que o Édipo feminino está também relacionado com o afastamento da mãe, “[...] ou seja, a menina vive com a mãe uma completude imaginária, e a entrada de um terceiro anunciará a angústia de castração, promovendo a separação e possibilitando o processo de sexualização e subjetivação” (MOREIRA, 2004, p. 226). Ainda no que se refere ao caráter nebuloso que o feminino adquire na teorização freudiana, a autora continua:

Parece-nos que essa confusão em torno da feminilidade está assentada no engodo imaginário que iguala pênis a falo. No momento em que Freud utiliza o significante falo para designar o objeto do desejo, parece-nos que se trata de um descolamento da biologia; entretanto a equação pênis igual a filho parece reproduzir o engodo, pois seria melhor anunciar falo igual a filho. Não estamos questionando o conteúdo da idéia, mas a forma como é inscrita abre a possibilidade para a crença imaginária do pênis como “o objeto” (MOREIRA, 2004, p. 226).

No mesmo sentido, Nasio (1997, p. 37) discorre acerca dos conceitos de pênis e falo e afirma que, apesar da diferenciação entre eles não ser clara no texto freudiano, Lacan traz grandes contribuições a esse respeito ao utilizar-se de “falo” no âmbito de “conceito analítico” e referir-se a “pênis” apenas ao tratar do órgão genital masculino, como será elucidado a seguir.

4.4 Contribuições lacanianas: a castração como corte simbólico

Fundamentado na teoria lacaniana, Nasio (1997) destaca que, a partir do descolamento entre os dois termos, entende-se que o complexo de castração não se organiza em torno do genital masculino em si, mas sim de sua representação psíquica enquanto objeto possuído por alguns e não por outros. O autor situa o falo simbólico, a figura simbólica do pênis, em uma equação tal como a descrita por Freud ao apresentar o Édipo feminino, permitindo, dessa forma, que o desejo da criança deslize para outros objetos, afastando-o das figuras parentais. Enfatizando que na psicanálise a noção de “sexualidade” não está atrelada ao âmbito genital, mas sim à vida libidinal, Nasio (1997, p. 40-41) propõe:

Afirmar com Lacan que o falo é o significante do desejo é lembrar que todas as experiências erógenas da vida infantil e adulta, todos os desejos humanos (desejo oral, anal, visual, etc.), permanecerão marcados pela experiência crucial de se ter tido que renunciar ao gozo com a mãe e aceitar a insatisfação do desejo. Dizer que o falo é significante do desejo equivale a dizer que todo desejo é sexual e que todo desejo, em última instância, é insatisfeito.

Compreende-se, portanto, que do ponto de vista lacaniano a castração, mais do que uma ameaça ou percepção de uma falta, diz respeito à separação entre a mãe e a criança. Nesse vínculo, a mãe, como mulher que atravessou o Édipo, coloca o filho no lugar de falo imaginário, ao passo que a criança se identifica com tal posição, colocando-se como aquele que tampona a falta no desejo do Outro materno. A castração, nesse sentido, constitui-se como um corte que incide nessa relação, geralmente operado pelo pai, o representante da lei da proibição do incesto (NASIO, 1997). Apesar do uso de tais termos, Nasio (1997, p. 42-43) enfatiza “que o ato da castração, apesar de assumido pelo pai, não é, na realidade, produto de uma pessoa física, mas a operação simbólica da fala paterna”. Todos os sujeitos, inclusive o pai, estão, nessa lógica, submetidos a esse corte que interdita seu gozo e que se atualiza ao longo de toda a vida. O autor, então, elucida os contornos da castração na ótica lacaniana ao afirmar: “Compreende-se assim o sentido da formação lacaniana: a castração é simbólica, o seu objeto, imaginário. Isso quer dizer que ela é a lei que rompe a ilusão de cada ser humano de se acreditar possuidor ou identificado com uma onipotência imaginária” (NASIO, 1997, p. 43).

O sujeito, então, ergue defesas frente a esse corte e se vê diante de três formas possíveis de negação da castração; o recalque, o desmentido e a forclusão, que culminam na estruturação subjetiva, respectivamente, na forma da neurose, da perversão ou da psicose (FARIAS, 2010). Tal sistematização, proposta por Lacan, diz respeito à relação do sujeito com a falta percebida no Outro e em si próprio, referindo-se, em última instância, à posição do sujeito frente ao desejo. A percepção da castração, nesse sentido, coloca o indivíduo diante de duas opções: acomodar-se na posição de objeto do desejo do Outro materno ou se reconhecer enquanto ser desejante.

Entende-se, dessa forma, que o recalque enquanto mecanismo de defesa frente à angústia de castração tem caráter nuclear e fundamental na neurose, na qual o sujeito é marcado pela falta. Por meio de uma cadeia simbólica, seu desejo é capaz de deslizar por uma série de significantes que, em última instância, remetem ao significante fálico. Os diferentes tipos de neurose, contudo, possuem contornos distintos tanto no que se refere à sintomatologia quanto no que diz respeito à relação com o desejo, como será exposto no capítulo seguinte ao tomar como foco a neurose obsessiva, que é o objeto de estudo desta pesquisa.

5 NEUROSE OBSESSIVA: PENSAMENTO, CONTROLE E AMBIVALENCIA

A partir do que foi exposto no capítulo anterior, compreende-se que a neurose obsessiva, tal como a histeria, origina-se do complexo de Édipo na medida em que o Eu, movido pela angústia de castração, se vê convocado a erguer defesas frente às pulsões edípicas (FREUD, 1926/2014). De forma distinta da histeria, contudo, a neurose obsessiva é marcada por particularidades, no que se refere a sua dinâmica subjetiva e a sua sintomatologia típica, que serão elucidadas a seguir.

Com o amadurecimento de sua teoria, Freud (1913/2010) revisita suas postulações a respeito das neuroses e propõe mudanças, refutando sua afirmação anterior de que a histeria seria marcada pela vivência *passiva* de uma experiência sexual infantil, ao passo que a neurose obsessiva seria determinada pela vivência *ativa* em uma experiência da mesma natureza. O autor volta-se também a suas formulações anteriores a respeito do desenvolvimento da libido, que até então distinguiam apenas o autoerotismo e o narcisismo como anteriores à configuração final, de primazia do genital. Freud (1913/2010) propõe, então, um novo estágio nessa organização, no qual as pulsões que prevalecem são as erótico-anais e sádicas e o outro, diferente dos momentos anteriores, já é compreendido como objeto de investimento libidinal.

Na neurose obsessiva, dessa forma, ocorreria a regressão do sujeito a tal fase do desenvolvimento, a primeira em que a criança, após se constituir como um “eu” e diferenciar-se do “outro”, podendo investir nele objetivamente, tem controle efetivo sobre algo – os esfíncteres. Tal controle, contudo, não se restringe ao corpo da própria criança, mas pode também passar a ser exercido sobre o outro; além de ter caráter masturbatório, provocando prazer na retenção e na evacuação, o ato de defecar constitui-se como uma forma de corresponder ou não às vontades do outro (FREUD, 1905/2016). Nesse sentido, compreende-se que as pulsões investidas na zona erógena anal, nesse momento, atuam em um jogo no qual a criança, nutrida de impulsos sádicos, explora uma dinâmica de controle em relação ao outro, podendo ceder a suas vontades ou desobedecê-las.

A agressividade, portanto, é central na dinâmica da neurose obsessiva. A ambivalência afetiva adquire caráter especialmente marcante nessa neurose, na qual o sujeito se vê em um embate entre os sentimentos conscientes de afeição e o ódio, mantido inconsciente. Nessa dinâmica, quanto mais intensos são os sentimentos hostis, mais intensos tornam-se, de forma reativa, os sentimentos afetuosos, situando o Eu em um campo de batalha. Diante desse cenário, o sujeito obsessivo depara-se com uma paralisia, imobilizado frente à dúvida. A compulsão, característica dessa forma de neurose, apresenta-se então como o único modo de enfrentar essa

paralisia, em um ímpeto de decisão que, contudo, frequentemente é anulado por um segundo ato compulsivo, nos chamados sintomas em dois tempos (FARIAS; CARDOSO, 2013).

Tais sintomas são frequentes na neurose obsessiva e representam de forma clara a oposição que aflige o obsessivo, uma vez que buscam anular não as consequências de um acontecimento, mas sim o acontecimento em si (FREUD, 1909/2013). Diferem-se, portanto, dos típicos sintomas histéricos, nos quais dois impulsos opostos são condensados em uma só solução de compromisso; ao buscar anular o acontecido, o obsessivo satisfaz as duas tendências opostas de forma isolada, como ilustrado por Freud (1909/2013) em seu principal caso de neurose obsessiva, *O homem dos ratos*. Em seu relato clínico, o autor desvela a intensa ambivalência afetiva de seu paciente, principalmente no que se refere a seu falecido pai e à mulher que amava. Freud (1909/2013) descreve, então, um episódio no qual o paciente se depara com uma pedra na estrada pela qual, mais tarde, o carro de sua amada passaria, e se sente impelido a removê-la para evitar que ocorresse um acidente. Momentos depois, considera sua ação absurda e é tomado pela obrigação de tornar a colocar a pedra em seu lugar inicial. Tal sintoma em dois tempos, no qual a segunda ação anula a primeira, representa o conflito do paciente, elucidado na seguinte análise:

Em nosso apaixonado há uma luta entre o amor e o ódio que dizem respeito à mesma pessoa, e essa luta é representada plasticamente no ato obsessivo, também simbolicamente significativo, de tirar a pedra do caminho que ela irá percorrer e depois desfazer esse ato de amor, colocando a pedra novamente onde estava, para que o seu veículo nela esbarre e ela se machuque (FREUD, 1909/2013, p.52).

Esse episódio ilustra não apenas a ambivalência afetiva e o típico sintoma em dois tempos, mas também duas outras características da neurose obsessiva. Primeiramente, é possível perceber que o sujeito obsessivo tem consciência da estranheza de suas ações; o paciente considera seu ato inicial absurdo e empenha-se em desfazê-lo. Apesar disso, busca *racionalizar* tais ações, criando explicações supostamente lógicas como um mecanismo de defesa que o distancia de seus desejos inconscientes, marcados pela hostilidade encoberta (FREUD, 1909/2013).

Em segundo lugar, observa-se que tal desconexão entre as ações obsessivas e seu significado inconsciente relaciona-se ao modo como o recalque opera na neurose obsessiva. Enquanto na histeria é comum que a representação incompatível seja esquecida e que o afeto a ela associado direcione-se, por exemplo, ao corpo, na neurose obsessiva é frequente a situação em que tal representação persiste na consciência, mas desprovida de afeto. O isolamento afetivo, portanto, possibilita que o obsessivo tenha acesso a tais pensamentos, mas o sujeito os

considera insignificantes (FREUD, 1909/2013). Na análise do Homem dos Ratos, por exemplo, o paciente relata que, alguns meses antes do falecimento de seu pai, havia lhe passado pela cabeça que, caso este morresse, ele poderia enriquecer e se casar com a mulher que amava. O paciente rejeita, contudo, que tal pensamento possa ter se originado de um desejo e o descreve como uma mera “ligação de pensamentos”, visto que para ele seria insuportável reconhecer a hostilidade direcionada ao pai, por quem nutria sentimentos tão afetuosos (FREUD, 1909/2013, p. 83). Nesse sentido, entende-se que na neurose obsessiva, quando o recalque não promove o esquecimento da representação, opera de modo a romper a ligação entre ela e o afeto, mantendo a representação desafetada na consciência (FREUD, 1926/2014).

Na neurose obsessiva, portanto, o pensamento do sujeito encontra-se superinvestido (FREUD, 1926/2014). Além da conservação das representações na consciência e da busca pela racionalização, é comum, nessa neurose, que o sujeito atribua caráter onipotente a seus pensamentos, acreditando que eles se concretizarão na realidade. É possível destacar alguns elementos importantes a esse respeito.

Esse excesso de energia investida no pensamento aproxima o obsessivo do pensamento mágico e supersticioso, em oposição à racionalidade excessiva, também característica dessa neurose. Apesar dessa aparente contradição, a superstição obsessiva é marcada pela intelectualização, na medida em que o sujeito se considera superior aos “supersticiosos incultos”; não se trata de temores ordinários como aquele em relação ao número treze, mas sim da crença em premonições, por exemplo (FREUD, 1909/2013, p. 91). Diante desse cenário no qual prevalece o pensamento mágico e onipotente, os atos compulsivos frequentemente se assemelham a cerimoniais religiosos, uma vez que devem ser realizados de forma ritualística e meticulosa. Os atos compulsivos constituem-se, então, tanto como forma de defesa contra impulsos inconscientes – vividos como tentações – quanto como proteção contra os eventos terríveis que, por meio da suposta onipotência, se espera que aconteçam (FREUD, 1907/2015).

Ainda no que se refere a esse superinvestimento, o montante de energia que seria destinado a ações passa a ser direcionado ao pensamento, de modo que, na neurose obsessiva, o pensar substitui o agir. Para Farias e Cardoso (2013, p. 123), “há, assim, um desdobramento importante do pensamento do crime (desejo proibido) ao crime de pensamento (desejo percebido como ato realizado)”. Nesse sentido, uma vez que os pensamentos são vividos como atos, é possível se aproximar da problemática moral, tão central na neurose obsessiva, já que para o Supereu não há distinção entre desejar fazer algo ruim e efetivamente fazê-lo.

Na neurose obsessiva, com a dissolução do complexo de Édipo e a instituição dos ideais éticos e estéticos do sujeito, o Supereu é constituído e adquire caráter particularmente tirânico, censurando e oprimindo o Eu, condenado por seus desejos proibidos (FREUD, 1926/2014; FARIAS; CARDOSO, 2013). Desse conflito entre as duas instâncias, surge o sentimento de culpa, também significativo nessa neurose. Diante das exigências do Supereu implacável, o Eu desenvolve formações reativas como forma de defender-se de seus pensamentos, vividos como crimes. Os neuróticos obsessivos estabelecem, então, uma moral particularmente forte de modo a preservar seu amor diante da ameaça que seu ódio encoberto representa (FREUD, 1913/2010). Nesse sentido, Freud (1926/2014, p. 30) aponta que “os sistemas construídos pelos neuróticos obsessivos lisonjeiam seu amor-próprio com a ilusão de que, por serem particularmente limpos ou escrupulosos, são indivíduos melhores do que os demais”.

A moralidade excessiva, portanto, caminha junto com a ambivalência afetiva; apresenta-se como uma consequência desta. Ainda a esse respeito, diante do intenso sentimento de culpa provocado pela rígida moral e pela opressão do Supereu tirânico, o obsessivo passa a apresentar uma série de autopunições, relacionadas aos impulsos de ódio e sadismo característicos dessa neurose.

A partir da segunda teoria pulsional freudiana, a pulsão de morte passa a ser considerada primordial na vida psíquica: o que vigora inicialmente no ser humano é a busca por desintegração, paralisação, desligamento definitivo, sendo possível reconhecer um masoquismo originário (FREUD, 1924c/2011). Parte dessa pulsão destrutiva pode, então, ser direcionada para fora, em manifestações de sadismo e destrutividade contra objetos externos. Nas autopunições obsessivas, esse sadismo é novamente introjetado e o ódio direcionado ao objeto é desviado para o Eu, de modo que o sujeito se vingue desse objeto e satisfaz seus impulsos hostis, mas sem exteriorizá-los (FARIAS; CARDOSO, 2013). Ou seja, uma vez que a moral impede que as pulsões hostis e destrutivas se manifestem no mundo exterior, a libido de tais impulsos se volta para o próprio sujeito, que adota então uma posição masoquista de cultivo ao sofrimento, quer as punições venham do próprio Supereu, quer venham da realidade externa.

Ainda no âmbito do aspecto destrutivo da pulsão, que ganha destaque na neurose obsessiva, é possível estabelecer uma relação com a questão do controle nessa neurose. O obsessivo visa a criar um mundo paralisado, sem falhas, que segue à risca suas condições absolutas e impermeáveis – algo que só seria possível com a morte. Nesse cenário, o sujeito se torna um tirano cujo ódio e agressividade direcionam-se, como visto, não só aos outros, mas também a si mesmo (FARIAS; CARDOSO, 2013).

A dinâmica de controle e domínio estabelecida nessa neurose pode ser compreendida a partir da relação do sujeito com a figura materna. Farias e Cardoso (2013) apontam que na neurose obsessiva esta relação é marcada pela mecanicidade nos cuidados à criança e pela satisfação imediata de suas necessidades, em detrimento do investimento erótico em seu corpo. A criança é, então, colocada na posição de objeto do desejo da figura materna, sobre o qual ela exerce controle onipotente e exige subordinação. Trata-se, nesse sentido, de uma invasão ao corpo e, conseqüentemente, ao psiquismo do bebê, mascarada pelos cuidados excessivos. A esse respeito, as autoras afirmam:

Essa modalidade de relação primária torna-se o protótipo da relação que o sujeito estabelecerá com o outro, protótipo de uma relação fundada sobre a anulação do desejo do outro. O sujeito tende, assim, a reproduzir – invertendo os lugares – esse modelo de relação infantil. Algo está interdito desde a origem para o sujeito, elemento denotativo de sua atividade sexual no futuro: a dimensão erótica da vida é barrada e a relação com o outro tende a se construir via ódio e agressividade (FARIAS; CARDOSO, 2013, p. 125).

O sujeito obsessivo, então, coloca-se como um tirano que, por meio da dinâmica do controle e do domínio, reproduzida a partir de sua relação com o Outro materno, procura invadir e anular o outro (FARIAS; CARDOSO, 2013). Na mesma linha, a partir da ótica lacaniana, Fink (2018) aponta que o obsessivo se recusa a reconhecer que o objeto – causa de seu desejo – relaciona-se com o Outro, anulando, portanto, Sua existência e Seu desejo. Na neurose obsessiva, o sujeito apresenta-se como completo, independente do Outro e de qualquer um, como alguém não sujeito à falta (FINK, 2018). A dinâmica obsessiva não admite furos e por isso o obsessivo procura aniquilar o outro: “[...] o objeto da ação destrutiva do obsessivo é o outro como ser desejante, o qual deve ser apagado, anulado. O obsessivo não pode suportar a singularidade do outro e, sobretudo, nenhuma manifestação de desejo erótico referido a si próprio” (FARIAS; CARDOSO, 2013, p. 127).

Cabe aqui reiterar a ideia já exposta de que, do ponto de vista lacaniano, a compreensão estrutural da neurose obsessiva e da histeria não se limita a uma classificação de sintomas. Apesar de terem sido apresentados ao longo deste capítulo sintomas e mecanismos comuns e característicos da neurose obsessiva, é fundamental considerar que os diferentes sintomas podem se fazer presentes nas diferentes categorias clínicas (FINK, 2018). O olhar analítico deve, de outra forma, voltar-se à relação do sujeito com a falta e o desejo. Na neurose obsessiva, portanto, entende-se que tal relação se dá de forma a neutralizar e aniquilar o desejo do outro ao mesmo tempo em que o próprio sujeito se considera completo e onipotente, engendrando

uma dinâmica destrutiva e agressiva, simultaneamente mascarada e potencializada pelo controle excessivo.

A relação obsessiva com a falta e com o desejo do outro e seus elementos característicos aqui apresentados – tais como a ambivalência afetiva, o controle, a agressividade, o isolamento afetivo e a moralidade excessiva – serão retomados no capítulo a seguir por meio de aproximações entre a teoria e a obra literária *Tirza*, de Arnon Grunberg (2016).

6 DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA: ANÁLISE DE *TIRZA*

As considerações teóricas apresentadas nos capítulos anteriores constituem-se como a base da articulação, desenvolvida a seguir, entre o romance *Tirza* e a neurose obsessiva. De modo a desenvolver esta aproximação, faz-se necessário explorar a obra literária mais detalhadamente, tornando possível que suas relações com a teoria psicanalítica sejam postas em evidência.

Uma vez que a obra em questão ainda é pouco conhecida no Brasil, a descrição de seu enredo será feita de forma mais aprofundada, de modo que seja possível entrar em contato não só com os eventos marcantes da trama, mas também com a personalidade dos personagens e a atmosfera de suspense que envolve a narrativa.

6.1 *Tirza*, de Arnon Grunberg: apresentação da obra

A obra, do autor holandês Arnon Grunberg, é construída de modo a entrelaçar o passado e o presente da família Hofmeester, composta pelo protagonista, Jörgen, sua esposa (cujo nome não é revelado ao leitor) e suas duas filhas: Ibi, a mais velha, e Tirza, a caçula e preferida do pai. O romance tem início com os preparativos para a festa de despedida de Tirza, que acaba de se formar no ensino médio e pretende viajar para a África com o namorado.

Ao utilizar-se do discurso indireto livre, Grunberg possibilita que o discurso do narrador se misture com os pensamentos do próprio protagonista. Além de trazer ao leitor a sensação de maior proximidade com a personagem de Hofmeester, tal estratégia também torna possível que os pensamentos e traços íntimos do protagonista venham à tona. Logo nas primeiras páginas, enquanto Hofmeester prepara meticulosamente os sushis e sashimis a serem servidos na festa, evidenciam-se algumas características cruciais de sua personagem, tal como sua obsessão com as aparências e o anseio por manter tudo sob controle, como pode ser observado no seguinte trecho:

Não se barbeava há seis dias. Não teve tempo [...]. Mais tarde faria a barba rapidamente. Queria se mostrar bem-apessoado e charmoso. Os convidados deverão vê-lo dessa forma: um homem que não viveu em vão.

Circulará com sushis e sashimis bem-arrumados numa travessa comprada na loja japonesa especialmente para a ocasião. Com este ou aquele, trocará algumas palavras e dirá casualmente: “Prove o sashimi de lula.” Um pai abnegado, isso é o que será. (GRUNBERG, 2016, p. 10).

Mesmo que de forma sutil, aparecem aqui elementos importantes, que ficarão mais claros ao longo da narrativa, a respeito da personalidade de Hofmeester. Enquanto cozinha, os pensamentos do protagonista vagam pelo passado e pelo futuro, na busca por prever de que

forma se desenrolarão os eventos seguintes e controlar não só suas próprias ações, mas também os pensamentos e julgamentos dos outros a respeito delas. Fica claro, já no início da narrativa, que aquilo que os outros pensam sobre Hofmeester e sua família é de extrema importância para ele, de modo que o personagem se coloca como obcecado pelas aparências, em uma incessante busca pela perfeição.

De modo geral, os capítulos de *Tirza* se iniciam no tempo presente da narrativa, na festa da filha mais nova de Hofmeester. Partindo sempre do ponto de vista do protagonista, que se emaranha no discurso do narrador, a narrativa, tal como os pensamentos de Hofmeester, acaba por se deslocar para o passado no decorrer dos capítulos, permitindo que o leitor entre em contato com diversos episódios da família e se aprofunde na estranha dinâmica familiar.

A partir desse movimento narrativo, após a apresentação inicial do protagonista, chega ao conhecimento do leitor que, três anos antes, a esposa de Hofmeester havia deixado a família, sem aviso prévio, para viver com outro homem em uma casa-barco. Da mesma forma abrupta e inesperada com que partira, a esposa retorna, então, faltando seis dias para a festa de despedida de Tirza como se nada houvesse acontecido. À medida em que o narrador descreve o dia de seu retorno, apresenta ao leitor as nuances de uma relação violenta entre marido e esposa, revelando facetas obscuras da personalidade de Hofmeester, que serão melhor exploradas ao longo deste capítulo.

Nos capítulos seguintes, por meio de tais retrospectivas, o leitor entra em contato com outros momentos decisivos da história familiar. Além de trabalhar como editor de livros, Hofmeester também aluga o andar de cima de sua casa, na melhor rua de Amsterdã. Todo primeiro dia do mês, religiosamente, manda a filha mais velha, Ibi, subir ao andar de cima para cobrar o inquilino e receber o aluguel. Conforme o pensamento de Hofmeester vaga para o passado, a narrativa desliza para a ocasião em que Ibi, então adolescente, demora demais no andar de cima e é flagrada pelo pai tendo relações sexuais com o inquilino. Este episódio desperta a agressividade embotada do protagonista, que perde qualquer sinal de controle ou compostura e golpeia com uma luminária a cabeça do inquilino, que sai machucado da casa.

Além de revelar a violência contida no personagem, tal evento elucida, ainda, a visão infantilizada que Hofmeester tem de Ibi, visão que se estende também para Tirza, a caçula. Diante da cena com a qual o protagonista se depara na sala de estar do inquilino, seus pensamentos são descritos pelo narrador:

Seu rosto parecia mais velho do que o corpo. Possivelmente por causa da maquiagem. De tanto brincar de ser adulta, tornara-se um pouco uma. Em seu rosto. Em seus olhos. Na maneira como olhava.

Mas seu corpo contava outra história.

Seus braços eram finos, magrelinhos. Como os de uma criança. Não tinha carne nas nádegas. Tudo isso ainda viria. A história de seu corpo era infantil. (GRUNBERG, 2016, p. 113).

Embora a filha gritasse e se recusasse a retornar a sua casa com o pai, Hofmeester tenta acalmá-la: “‘Fique tranquila’, disse ele. ‘Fique tranquila, Ibi. Se acalme. Você está de novo em casa. Está tudo bem. Você está segura.’” (GRUNBERG, 2016, p. 120). O protagonista insiste em enxergar a filha como vítima na situação, afirmando que ela teria sofrido um estupro e recusando-se a reconhecer sua maturidade; a existência da sexualidade da filha parece insuportável para Hofmeester. Embora ainda não fique claro neste momento, tais aspectos são cruciais para a narrativa, como será aprofundado no decorrer deste capítulo.

Além da partida da esposa e do constrangimento com Ibi, há ainda dois outros momentos importantes do passado da família Hofmeester que merecem ser expostos nessa apresentação do enredo de *Tirza*. Ao longo das páginas, o leitor fica sabendo que, alguns meses antes do momento atual da narrativa, a editora de livros na qual Hofmeester trabalhou a vida toda decide dispensá-lo. Apesar de viver esse episódio como uma grande humilhação, a reação do protagonista frente às palavras de seu chefe apresenta-se como mais uma manifestação de seu enorme autocontrole, sem deixar transparecer qualquer emoção:

“Eu gostaria de continuar, mas isso também é ótimo, naturalmente”, declarou. Perguntou-se por que não conseguia falar que, do ponto de vista dele, aquilo não era nem um pouco ótimo, perguntou-se a razão pela qual não conseguia verbalizar esse sentimento. Porque queria tanto dar a impressão de que tudo estava ótimo. De que tudo sempre corria como ele havia desejado. (GRUNBERG, 2016, p. 151).

Devido à enorme vergonha que sente, Hofmeester decide não contar a ninguém sobre seu afastamento. Sai da editora sem rumo e acaba se dirigindo ao aeroporto de Schiphol, onde passa o tempo lendo um manuscrito que carregava e acenando para desconhecidos no saguão como forma de se camuflar – mais uma vez priorizando a manutenção das aparências. Desse dia em diante, o protagonista passa a repetir tal ritual todos os dias no horário de trabalho, escondendo de todos, inclusive da família, o fracasso de sua demissão.

Enquanto tais eventos do passado são lembrados por Hofmeester e expostos ao leitor, a despedida de Tirza se desenrola, até que ela finalmente chega, após atrasar para sua própria festa. A presença da filha preferida suscita no protagonista a lembrança de um período em que

Tirza, então com catorze anos, desenvolve anorexia. Os pais são chamados para uma reunião com a diretora da escola, para a qual apenas Hofmeester, como o pai dedicado que é, comparece. O anúncio do distúrbio alimentar de Tirza pega o protagonista de surpresa, uma vez que nem ele, nem a esposa haviam percebido nada.

Quando volta para casa no fim do dia, Hofmeester busca seguir o conselho da diretora e conversar com a filha, levando consigo um exemplar de *Anna Karenina*, de Tolstói. A essa altura da narrativa, o leitor fica sabendo que era um costume entre pai e filha lerem clássicos juntos, o que nos conduz a uma ambiguidade que permeia o livro todo. Ao mesmo tempo em que Hofmeester considera Tirza, sua filha preferida e objeto de obsessão, madura, frequentemente referindo-se a ela como superdotada, também insiste em infantilizá-la, como colocado pela própria personagem em tal ocasião. Quando o pai entra em seu quarto, a adolescente implora para que eles não leiam juntos e Hofmeester lhe pergunta: “Tolstói não tem nada a te oferecer?”, ao que Tirza responde: “Não se trata disso [...] Ninguém da minha idade precisa de alguém para ler em voz alta. Ibi também diz que é ridículo. Ibi diz que você é louco, papai. Ela diz que pode provar” (GRUNBERG, 2016, p. 250).

Diante das duras palavras da filha, Hofmeester responde “‘Ibi está na adolescência, Tirza, por isso é um pouco rebelde. Está numa idade difícil. Não sou louco, sou seu pai’” (GRUNBERG, 2016, p. 250). A fala do protagonista torna possível pensar que ele reconhece a filha mais velha como adolescente, ao passo que Tirza, embora tivesse catorze anos no episódio, permanece no lugar infantil de pureza e ingenuidade.

As lembranças de Hofmeester permitem que o leitor perceba a estranheza que permeia as personagens e suas relações. A cada capítulo, o leitor gradualmente entra em contato com uma esposa pouco atenta às necessidades das filhas e pouco presente na vida familiar, mesmo antes de sua partida. Por outro lado, Hofmeester abraça o papel de pai e se define quase que inteiramente em função dele, colocando-se em uma posição de submissão diante das filhas, como “Um homem condizente com sua modesta função de servir” (GRUNBERG, 2016, p. 171). Apesar de se apresentar como um pai devoto, Hofmeester é incapaz de compreender as filhas, relacionando-se com elas a partir de ideias criadas por ele mesmo, simultaneamente infantilizando-as e forçando seu amadurecimento. Os comportamentos do protagonista dão sinais de um homem que, embora obcecado por engessar a si mesmo e a todos nas convenções sociais, é socialmente desajeitado; em suma, um homem com grandes dificuldades para lidar e se relacionar com o outro.

Ainda no que se refere às relações familiares, o retorno da esposa possibilita entrar em contato com sua personalidade, que parece completamente oposta à de Hofmeester. Se o protagonista é descrito como contido, controlador e extremamente apegado à moral e às convenções sociais, sua esposa, por outro lado, se apresenta como uma mulher livre de amarras, uma artista que abandona o papel de esposa e de mãe para viver um amor de juventude. Seu contato com o marido revela, ainda, uma personalidade cínica, provocadora e sedutora. Ao retornar à casa da família após três anos como se nada houvesse acontecido, a esposa simplesmente pergunta ao marido “Você está contente em me ver?” (GRUNBERG, 2016, p. 29). Incapaz de expressar qualquer emoção genuína e espontânea com o retorno da esposa, Hofmeester acaba por convidá-la para jantar e passar a noite na casa: “Era tarde demais para ela ainda encontrar um hotel, ou uma pensão. Além do mais, seria indelicado, e frio.” (GRUNBERG, 2016, p. 51). Ao finalizarem o jantar e se prepararem para dormir, a esposa revela sua personalidade provocativa, em todos os sentidos, ao mesmo tempo buscando seduzir e irritar o marido, como é possível observar no seguinte trecho:

Ela pegou o lóbulo da orelha dele, o lóbulo de sua orelha esquerda, e beliscou [...]

“Incomoda o fato de eu estar aqui?”, perguntou ela. “Estou incomodando? Devo ir embora?” [...]

“Não sei”, respondeu ele. “Se você incomoda. Para falar a verdade, não sei. Talvez tivesse sido melhor se você não tivesse vindo, mas você está aqui. Tudo bem. E quer posar aqui. Tudo bem também.”

Ela ainda tinha o lóbulo entre seus dedos. “Ah, Jörgen”, disse. “Meu Jörgen.” Largou o lóbulo. “Sabe o quê? Nunca me senti atraída por você. Nunca. Nem mesmo no começo. (GRUNBERG, 2016, p. 60-61).

A esposa é, além disso, descrita como uma mulher que procura se comportar como uma adolescente, usando roupas que pertencem (ou que poderiam pertencer) às filhas, buscando ser o centro das atenções na festa de Tirza e, até mesmo, se envolvendo com um dos colegas de sala da filha mais nova durante a festa. Essa grande mistura de papéis nos conduz ainda a outro ponto central na narrativa, que diz respeito a relação de Hofmeester com as filhas, que também ultrapassa os limites dos papéis de “pai” e “filhas”, em especial no que se refere à caçula.

Como já apontado ao longo deste trabalho, não é à toa que o romance de Arnon Grunberg é batizado a partir de Tirza, objeto de adoração e obsessão do pai, que a apelida de “rainha do sol”. Após a partida da filha mais velha e da esposa, Tirza torna-se a única, e mais importante, companheira de Hofmeester. A relação entre ambos é frequentemente descrita de forma a aproximá-la de uma relação incestuosa, e em diversos momentos a narrativa causa desconforto no leitor diante da incerteza dos limites desse vínculo. Em determinado momento,

após se lembrar dos vários rapazes com quem já se deparara em sua casa, Hofmeester reflete sobre a partida da esposa:

A ausência de uma companheira não se mostrou um infortúnio, mas liberdade, uma liberdade dolorosa, imperfeita, mas mesmo assim: liberdade. Ele estava junto de sua filha. E era como se devesse ser assim, como se tivesse sido sempre assim. Eram inseparáveis, a filha e ele. Às vezes ela já sabia o que ele ia dizer antes mesmo que ele falasse. Os rapazes com quem de tempos em tempos cruzava no banheiro não eram mais do que passantes. (GRUNBERG, 2016, p. 52).

Mais uma vez por meio do discurso indireto livre, é possível entrar em contato com os pensamentos do protagonista e perceber que ele próprio compara a esposa – sua companheira, então ausente – com a filha, ao mesmo tempo em que compara a si mesmo com os namorados de Tirza, com quem cruzava no banheiro de sua casa.

Quando a narrativa se volta para o tempo presente, entramos em contato com Hofmeester preocupado em fazer com que a festa de Tirza seja um sucesso, servindo e entretendo os convidados. Apesar de se empenhar para que tudo ocorra como o planejado, o protagonista se vê surpreendido por alguns eventos que colocam em xeque seu controle sobre a situação. A esposa acaba seduzindo-o quando os convidados estão prestes a chegar, e Hofmeester, já um pouco alterado pelo efeito dos drinques que toma incessantemente durante toda a noite, acaba por recepcionar a primeira convidada – uma professora de Tirza – descalço e sem camisa. Além disso, a própria Tirza só chega na festa depois de quase todos os convidados e, enquanto isso, sua mãe se ocupa em ser o centro das atenções, vestindo uma minissaia da filha mais velha e flertando com os amigos da mais nova. Quando Tirza finalmente chega, apresenta ao pai o namorado, Choukri, que Hofmeester logo considera assustadoramente parecido com um grande terrorista. O momento de maior tensão durante toda a narrativa da festa, contudo, é aquele em que Hofmeester se envolve sexualmente com uma colega de sala de Tirza, e acaba sendo descoberto pela filha, que fica profundamente perturbada e magoada.

Alguns dias após a festa, Hofmeester convence Tirza e seu namorado, a passarem um final de semana na casa de campo da família antes da partida de ambos para a África. Os três conseguem ter uma convivência cordial no primeiro dia, mesmo que Hofmeester sofra tentando lidar com a iminência da ausência da filha e se sinta profundamente incomodado com a presença de Choukri. É então, quando o leitor se aproxima do fim do livro, que acontece o grande momento de tensão do romance: após trabalhar no jardim durante a tarde, Hofmeester entra na casa de campo e vê Tirza e Choukri fazendo sexo sobre a mesa de jantar. Este se constitui como o momento central do romance, pois a partir dele é possível perceber uma bifurcação na

narrativa, que se divide entre a versão da história que é narrada ao leitor inicialmente e aquela que só se descobre nas últimas páginas do livro.

Nesse primeiro momento, a cena é narrada da seguinte forma:

Hofmeester abre sua segunda taça. “Tirza”, chama mais uma vez, “onde você está?”

Vai até a sala. Sua filha está deitada sobre a mesa.

Precisa de uma fração de segundo para compreender a cena. Não o viram nem ouviram.

Pela fresta da porta, assiste ao animalesco, ao horrível, ao inexplicável [...] É difícil para ele ainda ver sua filha naquela mulher que está ali deitada, sendo usada, dilacerada. Ela murmura alguma coisa.

[...] Sente tontura, dá um passo para trás, segura-se no atizador pendurado no suporte ao lado da lareira. Jörgen Hofmeester bufa como um cão resfriado.

A sala gira diante de seus olhos, mas eles não o ouvem. Não o veem. Continuam seu jogo. Chamam-se assim, não é? Jogo do amor. (GRUNBERG, 2016, p. 349).

Após presenciar a cena, Hofmeester retorna ao trabalho no jardim, mesmo sob chuva, e sai para comprar o jantar. Quando retorna, Tirza e Choukri já não estão mais na sala, e Hofmeester supõe que ambos tenham ido dormir. A partir daí, o leitor apenas fica sabendo que o protagonista se dirige ao aeroporto no dia seguinte, acena para Tirza em sua partida e retorna para a casa da família em Amsterdã. Quando, dias após a viagem, Hofmeester e a esposa não têm notícias da filha, começam a se preocupar e o protagonista decide ir até a Namíbia para procurá-la.

Na África, ninguém parece ter notícias de Tirza. Ao andar pelas ruas da Namíbia, Hofmeester é surpreendido por Kaisa, uma menina de cerca de dez anos, que o aborda oferecendo “companhia”. Embora recuse a oferta de prostituição infantil, o protagonista se vê incapaz de se separar da criança, que passa a acompanhá-lo, provocando olhares de repulsa e reprovação nos hotéis em que se hospeda. Em diversos episódios, Hofmeester afirma para a menina, que ela é a única com quem ele consegue ser ele mesmo. Até que, próximo ao final do romance, a segunda versão da história vem à tona quando o protagonista relata à criança o que de fato aconteceu após flagrar a cena de sexo entre Tirza e o namorado:

[...] “ela estava lá, Tirza, e disse: ‘Papai, o que você está fazendo aqui?’ Não zangada, mas surpresa. Talvez um pouco brava por eu estar ali [...] E pensei: ela é a rainha do sol, pensei, minha rainha do sol é ela, minha amada rainha do sol. E então peguei o atizador e bati na sua cabeça. Ela caiu imediatamente, e eu bati mais uma vez, quando ela já estava no chão, e mais uma vez, e enquanto fazia isso continuei pensando: ela é minha rainha do sol, é minha amada rainha do sol [...] (GRUNBERG, 2016, p. 468-469).

De forma surpreendente, então, o leitor se depara com o fato de que Hofmeester, após presenciar a cena de sexo, assassina a filha preferida e seu namorado e os enterra no jardim da casa de campo. No dia seguinte, tal como narrado anteriormente, ele se dirige ao aeroporto e então retorna para casa. Alguns dias após fazer essa revelação para a criança na África, Hofmeester recebe um telefonema da esposa dizendo que Tirza foi encontrada. O protagonista retorna a Amsterdã e o romance se encerra com a sua chegada à casa cheia de repórteres.

6.2 J rgen Hofmeester, o animal civilizado

Esta apresentação do enredo de *Tirza* e de seus personagens constitui-se como uma tentativa de evidenciar características de seu protagonista, J rgen Hofmeester, que tornem possível entendê-lo a partir do conceito de neurose obsessiva. Após essa exposição, encaminhamo-nos enfim ao diálogo proposto entre a obra e a teoria psican tica.

6.2.1 *Ser no pensamento*

Um primeiro ponto interessante a ser ressaltado parece ter ligação direta com o modo como o livro é narrado, por meio do discurso indireto livre. A mistura entre o narrador e as ideias do protagonista permite perceber um grande investimento em seu pensamento, característico da neurose obsessiva. O leitor está sempre a par dos pensamentos de Hofmeester, quer eles se direcionem para o passado, quer se mantenham colados às suas ações ou aos elementos ao seu redor; o protagonista se apresenta como alguém que está sempre consciente de seus movimentos e ações. Tais características da narrativa e do protagonista podem ser observadas no seguinte trecho, que narra os preparativos para a festa de Tirza:

Hofmeester apanha uma bacia cheia de arroz morno, amassa um bolinho e, enquanto está ocupado com isso, observa o caixilho da porta da cozinha como se nunca tivesse usado a bancada da pia antes. V  a tinta descascando, um ponto fosco no papel de parede junto ao caixilho, onde uma vez bateu um sapato que Tirza havia jogado em sua cabeça. Antes disso ela havia gritado “babaca”. Ou depois, ele já não sabe ao certo. Foi sorte a vidraça ter ficado intacta. (GRUNBERG, 2016, p. 11).

Além de deixar clara a grande atenção aos detalhes por parte de Hofmeester, esta passagem torna possível reconhecer ainda outra característica do protagonista, que se faz muito presente ao longo de todo o livro. É interessante perceber que, com frequência, após uma situação de conflito, seu pensamento se desloca para algum elemento externo aparentemente insignificante. Após lembrar de ter sido desrespeitado e agredido, verbal e fisicamente, por sua filha, Hofmeester imediatamente pensa sobre a vidraça da porta, como se, naquele momento de  nimos aflorados, mantê-la ilesa fosse sua principal preocupação. A sensação transmitida é a

de que a lembrança da briga com a filha não provoca qualquer emoção no personagem, que se mantém desafetado e impassível.

Aproximando a narrativa da teoria psicanalítica, é possível compreender tal reação como uma manifestação do isolamento afetivo, tão característico da neurose obsessiva. Uma vez que uma vivência é separada de seu afeto e mantida isolada na consciência, pode-se pensar que o afeto que seria destinado ao conflito com Tirza passa a ser deslocado para uma representação banal, como a tinta descascando ou a vidraça da porta (FREUD, 1926). Nesse sentido, é possível entender a reação de Hofmeester como um mecanismo de defesa contra suas pulsões, uma vez que o afasta de seus impulsos agressivos frente ao desentendimento com a filha (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

Outro momento em que é possível observar essa característica do protagonista ocorre no inesperado retorno de sua esposa. Hofmeester está cozinhando quando a campainha toca e Tirza atende a porta:

“É a mamãe”, disse ela.

Intuitivamente, tirou a travessa do forno e desligou o gás. Olhou para o prato. Bacalhau e batatas. Simples, mas bem gostoso. Sabia que isso iria demorar. Não era Não era só um mau cheiro no banheiro do inquilino. Dessa vez não era o esgoto, mas a mãe de suas filhas. (GRUNBERG, 2006, p. 15-16).

Este trecho é ainda mais ilustrativo do isolamento afetivo que se apresenta ao protagonista, pois já não trata da lembrança de um evento mobilizador, mas sim do evento em si. Mais uma vez, percebe-se que Hofmeester não parece se abalar ou demonstrar qualquer emoção com a chegada da esposa; de outra forma, sua atenção se fixa em objetos desimportantes. Novamente, chama a atenção o fato de o protagonista não se permitir qualquer manifestação de raiva, indignação ou agressividade frente a esse acontecimento, o que o aproxima da problemática obsessiva mais uma vez: para além do isolamento afetivo, é possível observar o grande autocontrole necessário para conter sua agressividade.

Como já foi possível perceber no decorrer deste capítulo, ao longo de toda a narrativa o protagonista é apresentado como um homem extremamente racional, contido, de emoções reprimidas. Sua grande racionalização também pode ser compreendida como outro ponto de intersecção com a neurose obsessiva, e relacionada com o superinvestimento no pensamento, típico dessa neurose. Como um homem intelectualizado, Hofmeester frequentemente busca respostas lógicas e racionais para as questões para as quais não tem resposta. Após ter consciência do distúrbio alimentar da filha e tentar conversar com ela sem muito sucesso, o

protagonista se encaminha a uma livraria e compra inúmeros livros sobre o tema, afinal, “se houvesse uma solução, ele encontraria nos livros. Onde mais?” (GRUNBERG, 2016, p. 267).

Além disso, Hofmeester se ocupa em buscar compreender os motivos pelos quais sua esposa havia deixado a família. Parece inimaginável a ele que alguém trocaria uma vida moldada pelas normas sociais, com um padrão de classe média, duas filhas e uma casa em bairro nobre, para viver uma vida de instabilidade com um amor de juventude. Da mesma forma, quando a esposa retorna, Hofmeester permanece com questionamentos: “Por quê?, pensou Hofmeester. Por que esta noite? O que pode ter acontecido? Não compreendia essa visita, e ele era uma pessoa que sempre queria compreender as coisas. Detestava o irracional, assim como outras pessoas detestam as pragas” (GRUNBERG, 2016, p. 18). Em outro momento, durante uma briga com a esposa, o protagonista ainda a chama de “ignorante” e “inculta”, com verdadeiro desprezo, deixando claro como valoriza a intelectualidade e o racional (GRUNBERG, 2016, p. 238).

A racionalização excessiva de Hofmeester pode ser compreendida como uma forma de exercer o controle pelo qual ele tanto anseia, uma vez que busca explicar e enquadrar em moldes lógicos coisas que, muitas vezes, estão para além do âmbito do racional, dizendo respeito muito mais à dimensão afetiva. Nesse sentido, é possível entender a racionalização também como um mecanismo de defesa que o distancia não apenas dos desejos dos outros, mas também de seus próprios, em uma tentativa de preservar um sujeito supostamente sem falhas, que deve poder e compreender tudo. Entende-se, dessa forma, que se por um lado há um grande investimento no âmbito racional por parte do protagonista, por outro lado, a dimensão do encontro com o outro é muito empobrecida para Hofmeester.

6.2.2 *Hofmeester, o predador*

Outras características da personalidade do protagonista também podem ser compreendidas à luz do que foi apresentado neste trabalho acerca da neurose obsessiva. O sujeito obsessivo se vê assolado por um grande excesso pulsional, frente ao qual ergue uma série de defesas, como rituais e atos compulsivos (FARIAS; CARDOSO, 2013). Além de seu hábito de se dirigir ao aeroporto, repetido todos os dias após sua demissão, não são descritos no romance comportamentos como esses por parte de Hofmeester. Apesar disso, pode-se pensar que sua personalidade metódica, organizada e controladora de alguma forma se constitui como uma defesa frente à angústia provocada por esse excesso pulsional, com o qual ele mal se permite entrar em contato.

A partir da ideia de que, na neurose obsessiva, o Supereu se torna particularmente rígido e opressor, compelindo o Eu a desenvolver uma série de formações reativas às suas pulsões, é possível situar tais características do protagonista nesse contexto (FREUD, 1926/2014). De forma ilustrativa, o narrador afirma: “Para Hofmeester, toda a moral se resumia a ser correto. Se podia contar com uma coisa em sua defesa, era que tinha sido correto” (GRUNBERG, 2016, p. 33). Seu forte senso de moralidade, seu asseio e meticulosidade, dos quais Hofmeester tanto se orgulha, podem ser compreendidos, então, como formações reativas que o defendem de facetas obscuras de sua personalidade, como a agressividade latente que escapa em diversos momentos e atinge seu ápice com o assassinato da filha.

A esse respeito, como apontado na apresentação do enredo do romance, é interessante notar que, após a morte de Tirza, a história se desenrola como se ela ainda estivesse viva. Uma vez que toda a narrativa é alinhada ao ponto de vista do protagonista, a impressão transmitida é a de que o próprio Hofmeester não tem conhecimento da morte da filha, o que gera grande estranhamento e choque no leitor quando se depara com o que de fato aconteceu. Uma interpretação possível acerca desse estranho movimento do protagonista mais uma vez aproxima-o do que foi aqui apresentado a respeito da onipotência e do superinvestimento no pensamento, comuns na neurose obsessiva. Levando em consideração que, nessa neurose, o pensar substitui o agir, pode-se supor que o fato de Hofmeester pensar que Tirza ainda está viva, mesmo após matá-la, seria uma forma de anular o acontecido, buscando desfazer o assassinato da filha preferida.

Nesse sentido, é inevitável aproximar o protagonista da neurose obsessiva mais uma vez, pois fica clara, ao longo da narrativa, a ambivalência afetiva com que ele se depara – a qual, vale reforçar, se constitui como o cerne da problemática obsessiva. Tirza, por exemplo, ao mesmo tempo em que é sua filha mais amada, sua rainha do sol e objeto de fixação, também é aquela em que Hofmeester descarrega todo seu ódio e agressividade, chegando ao extremo de assassiná-la. É interessante perceber, ainda, como tais afetos ambivalentes se manifestam simultaneamente: enquanto golpeia a cabeça da filha até sua morte, Hofmeester repete em seus pensamentos: “ela é minha rainha do sol, minha amada rainha do sol” (GRUNBERG, 2016, p. 469).

Ainda no que se refere à ambivalência afetiva, o protagonista se vê, em inúmeros momentos, em um embate com a agressividade e o ódio que se esforça tanto para esconder, como elucidado no seguinte trecho, referente ao dia do retorno da esposa:

Na pia havia duas escovas de dentes. Ela olhou para elas.

“A verde é da Tirza”, disse Hofmeester.

Ela pegou a escova azul, pôs pasta e começou a escovar os dentes, olhando para si mesma no espelho. [...] Algo o irritava nisso, algo o enojava, a ideia de que sua escova de dentes agora estava na boca da esposa era insuportável. Queria gritar: “pare com isso, sua porca suja, pare imediatamente com isso” e arrancar a escova de dentes de sua boca. Mas disse: “Posso pegar uma nova para você lá embaixo. Talvez seja mais higiênico” (GRUNBERG, 2016, p. 55).

Observa-se, assim, a força pulsional com a qual Hofmeester entra em conflito e da qual busca se defender. Pode-se pensar, ainda, que a agressividade e hostilidade se manifestam nos pensamentos do protagonista, sendo possível considerá-los, a partir da interpretação aqui proposta, como pensamentos obsessivos. Seu esforço para contê-los, diante das exigências do Supereu, pode ser ilustrado pela seguinte passagem, que convenientemente se relaciona à problemática obsessiva: “Hofmeester tem principalmente pensamentos que não devem ser transmitidos, que são secretos e devem permanecer secretos, no interesse de ambos os lados” (GRUNBERG, 2016, p. 196). A partir deste trecho, também se elucida, mais uma vez, o grande investimento exercido nos pensamentos, que adquirem caráter onipotente na neurose obsessiva e cuja destrutividade é temida pelo sujeito.

A esse respeito, cabe citar duas passagens do romance. A primeira delas refere-se a um momento do passado de Hofmeester, quando ele confia todo o seu dinheiro em um investimento arriscado e, alguns anos depois, acaba perdendo tudo. O protagonista se mantém absolutamente passivo durante a reunião no banco em que é informado de sua perda, sem manifestar qualquer sinal de raiva ou indignação durante a conversa. Ao sair do banco e se deparar com uma loja de sapatos que, ele percebe, não pode mais se dar ao luxo de comprar, Hofmeester subitamente é invadido por um impulso de estuprar a vendedora da loja, o qual não concretiza. Este também pode se caracterizar como um exemplo de pensamento obsessivo, sendo possível relacionar tal impulso às compulsões obsessivas, que buscam, em um ímpeto, romper com a inércia na qual o sujeito se encontra, imobilizado pela ambivalência que o assola (FARIAS; CARDOSO, 2013).

Outro momento do romance em que se apresenta um pensamento obsessivo nutrido de grande violência ocorre quando Hofmeester está na África, jantando com Kaisa, a criança. Após uma série de taças de vinho, o personagem inicia um monólogo ao afirmar que acredita ser uma pessoa sem compaixão. Ele prossegue:

No geral, não queremos ver o outro sofrer, não verdadeiramente, de qualquer maneira. Mas compaixão? O que é isso? Posso estuprar você, Kaisa, poderia acontecer, e pouco antes de penetrar você, poderia pensar [...]: vou parar por

aqui. Eu poderia sentir isso. Arranquei as roupas do seu corpo, bati algumas vezes no seu rosto e agora penso, agora sinto, de repente, como que do nada, compaixão. Penso: não devo ir além disso. É o suficiente. Está bem assim [...] (GRUNBERG, 2016, p. 450-451).

A essa altura do romance, depois que Tirza já foi morta, a agressividade de Hofmeester se manifesta de maneira muito mais livre, e é sem censuras que ele revela aqueles pensamentos que, como ele mesmo coloca, deveriam permanecer em segredo. Para além de ilustrar a brutal violência contida em seus pensamentos, em oposição a sua persona sempre contida, correta e controlada, este trecho nos redireciona ao isolamento afetivo. Pode-se pensar que as ideias aqui manifestadas por Hofmeester mostram-se acessíveis a sua consciência, mas, apesar disso, parecem desafetadas. Não são narradas por ele como um desejo ou impulso; não parecem associadas, na realidade, a qualquer afeto, e sim descritas como um “mero ‘pensamento’” (FREUD, 1926, p. 54).

Outro ponto de aproximação entre o protagonista de *Tirza* e a teoria apresentada neste trabalho diz respeito à posição de passividade e submissão na qual ele frequentemente se coloca. Diante de agressões verbais das filhas, humilhações da esposa e situações como sua demissão, Hofmeester mantém-se passivo, contendo suas emoções a qualquer custo e aceitando aquilo que lhe é imposto. Uma vez que se compreende a enorme agressividade que se esconde por trás dessa fachada, tal como foi aqui exposto, é possível supor que este traço de Hofmeester relaciona-se com a questão do masoquismo, explorada anteriormente. No sujeito obsessivo, é comum que a pulsão destrutiva (inicialmente voltada ao Eu e passível de ser direcionada ao mundo externo, em manifestações sádicas) seja novamente direcionada ao próprio sujeito, como uma forma de satisfazer seus impulsos hostis sem de fato manifestá-los no mundo externo (FARIAS; CARDOSO, 2013). Nesse sentido, pode-se pensar que a postura submissa de Hofmeester, que só se rompe em situações extremas, seria mais uma forma de lidar com o ódio e o sadismo que ele, na verdade, deseja manifestar no mundo externo.

A agressividade encoberta de Hofmeester dá sinais em diversas passagens do livro, por exemplo naquelas em que o narrador se refere a ele como um “predador” (GRUNBERG, 2016, p. 15). É interessante perceber a aproximação, presente no decorrer de toda a obra, feita entre o protagonista e um animal. Nos inúmeros momentos em que seus pensamentos vagam para elementos banais em seu entorno, frequentemente são feitas descrições sensoriais a respeito do aspecto, do som ou do cheiro do ambiente e das pessoas ao seu redor, o que, sutilmente, dá ao leitor a impressão de que por trás da persona controlada de Hofmeester se esconde um animal em estado de alerta, um predador. Ao se lembrar dos rapazes que Tirza levava para casa, os

quais o protagonista frequentemente encontrava, ele pensa: “Perfumados eles não eram, esses caras com quem ele cruzava de tempos em tempos no banheiro. O que os garotos de Tirza tinham em comum era o mau cheiro” (GRUNBERG, 2016, p. 32).

A aproximação entre Hofmeester e um animal se faz ainda mais presente nos momentos em que se relaciona com a esposa. Em seu retorno, a esposa debocha do marido e o provoca, parecendo querer testar seus limites e seu autocontrole. Após dizer a Hofmeester que nunca se sentira atraída por ele, o protagonista revida: “Eu achava repulsivo, por exemplo, o cheiro que você exalava”, mais uma vez enfatizando seus sentidos, como um animal alerta (GRUNBERG, 2016, p. 64). Diante disso, a esposa diz:

“Ah, vamos lá”, disse ela. “Cheire direito”. Pôs sua boca bem perto do nariz dele e assoprou. Ela agora estava muito próxima. Ele podia ver tudo. Mas não olhava mais.

Hofmeester agarrou-a pelo pescoço com a mão esquerda. Apertou sua garganta. Ela assoprou mais uma vez. Apertou sua garganta com intensidade, desviando o rosto. Pôs força. “Continue”, sussurrou ela, “continue. Devo chamar a polícia de novo? Como antigamente, Jörgen? Devo ligar para eles?” (GRUNBERG, 2016, p. 66-67).

Percebe-se como a violência de Hofmeester, mantida controlada diante da esposa até então, escapa nessa cena. A aproximação entre o protagonista e o animal, assim, adquire ainda outra dimensão, para além da ênfase recaída sobre seu olfato ou sua audição, por exemplo. Pode-se pensar que “o animal”, termo que aparece repetidamente ao longo de toda a narrativa, relaciona-se com essa força pulsional com a qual o protagonista luta com tanto afinco e a qual se esforça para encarcerar com as amarras da moral e da civilização. Alguns momentos depois, enquanto Hofmeester e a esposa continuam seu jogo destrutivo, a seguinte cena é apresentada, ilustrando ainda mais essa dinâmica:

Ela apertou seus lábios contra os dele. E ele deveria retribuir seu beijo, tinha de retribuir seu beijo, não tinha alternativa, ainda que fosse apenas para não envergonhá-la, a mãe de suas filhas, a mãe de Tirza [...]

Embora não fosse fácil na posição em que estava, deu-lhe um tapa.

Ela tropeçou. Recuou um pouco. Se encolheu [...]

“Está vendo?”, disse ela, encolhendo-se como se ele tivesse lhe dado um soco no estômago, “está vendo só? Não é verdade. O animal em você não está morto, está novamente desperto. Eu o acordei.” (GRUNBERG, 2016, p. 81).

Em ambos os trechos, mas principalmente neste, fica claro como o animal em Hofmeester se manifesta quando a esposa coloca a sensualidade em cena. Conforme sua personagem é apresentada ao leitor, evidencia-se a oposição entre sua personalidade e a de Hofmeester. A esposa aparece como a personalização da sedução, do desejo, do selvagem, ao

passo que o protagonista se apresenta como um escravo da civilização e das convenções sociais, pelo menos à primeira vista; apesar de enjaulado, o animal dentro dele está vivo.

6.2.3 *O jogo do amor*

Ao longo do enredo, é possível perceber que a agressividade de Hofmeester, mantida oculta com tanto esforço, com frequência é desperta quando ele se depara com o desejo do outro. Após uma série de provocações e humilhações da esposa, frente as quais Hofmeester se mantém impassível, é quando ela se aproxima fisicamente que ele perde o controle. A dimensão do erótico e da sensualidade parece inacessível ao protagonista, que se utiliza de sua violência encoberta para frear, imediatamente, as investidas da esposa.

Da mesma forma, as grandes manifestações de agressividade de Hofmeester descritas no romance ocorrem quando ele presencia as filhas durante o ato sexual; entrar em contato com o desejo do outro revela-se insuportável para ele. Pode-se pensar, a esse respeito, que tal contato possibilita também que o protagonista se defronte com seu próprio desejo. Como foi exposto ao longo deste trabalho, Hofmeester, tal qual o sujeito obsessivo, se apresenta como alguém completo, sem falhas ou furos – pelo menos superficialmente (FINK, 2018). Diante dessa dinâmica, o espaço para o desejo e, portanto, para a falta, mostra-se inconcebível para ele, que encontra na intelectualidade um refúgio contra as incertas e imprevisíveis relações interpessoais.

Em um dos momentos de confronto entre o protagonista e a esposa, ela o pergunta se ele sabe o que é atração, e então diz: “‘O animal’ [...] ‘isso é atração. O animal. Algo sobre o que não se pode refletir, porque é. Porque simplesmente existe. Nada que você possa explicar. Nada que você possa lustrar. Algo que é mais forte do que você. Isso é atração [...]’” (GRUNBERG, 2016, p. 61). A oposição entre as duas personagens mais uma vez fica clara, e a fala da esposa torna possível notar que a atração, o pulsional, aquilo que é descrito como selvagem no humano se mantém inacessível a Hofmeester.

Entende-se, portanto, tamanha incompreensão do protagonista a respeito da escolha da esposa em abrir mão de tudo aquilo pelo qual Hofmeester mais prezava – a fachada de uma pacata vida burguesa – em busca de algo inexplicável racionalmente. Parece inconcebível a ele que os outros tenham outras vontades, outros anseios e pontos de vista, e o personagem se coloca como um tirano na intenção de que suas ordens sejam obedecidas. Da mesma forma, quando Hofmeester se reúne com a diretora da escola de Tirza a respeito de seu distúrbio alimentar, ela o pergunta se ele costuma conversar com a filha. O protagonista imediatamente

responde que sim, mencionando longas conversas com Tirza a respeito de literatura russa e filosofia, o que causa espanto na diretora. A leitura compartilhada de *Anna Karenina* aparece como um exemplo da postura tirânica de Hofmeester, que se relaciona com a filha a partir de algo que, além de destoar dos interesses da adolescente, também paira no campo da intelectualidade e do racional. Em um cenário como esse, há pouco ou nenhum espaço para que a subjetividade – de Tirza e do próprio Hofmeester – aflore.

Nesse sentido, aproximamo-nos mais uma vez da problemática obsessiva ao considerar que Hofmeester recusa a existência do desejo, tanto dos outros como de seu próprio, empenhando-se na manutenção de um mundo sem falhas, petrificado. Diante disso, é possível perceber no protagonista o anseio obsessivo em anular o desejo do outro, aniquilando-o enquanto sujeito e barrando o âmbito erótico da vida, relacionando-se a partir de uma dinâmica de controle e hostilidade (FARIAS; CARDOSO, 2013). O empenho de Hofmeester em neutralizar o outro é sintetizado ao aparecer de forma ilustrativa quando é narrado: “O que ele descobriu, sim, é que quanto menos o outro existia, mais era fácil de suportar” (GRUNBERG, 2016, p. 161).

A partir dessa dinâmica, como mencionado, chama a atenção o fato de Hofmeester perder o controle, libertando sua agressividade, ao se deparar com a sexualidade das filhas. Ao longo de todo o romance, a relação estabelecida entre Hofmeester e as filhas, especialmente Tirza, provoca grande incômodo no leitor por se aproximar de uma relação incestuosa. Antes da chegada dos convidados à festa de Tirza, por exemplo, o narrador enfatiza o quanto o protagonista se incomoda com o fato de sua esposa – personificação da sedução e do selvagem – estar vestindo uma minissaia pertencente a Ibi, a mais velha. A visão da saia naquele corpo parece desestabilizar Hofmeester, que diz à esposa que ela está vulgar, velha demais para usar uma roupa para adolescentes.

Uma possível análise a esse respeito seria a de que a visão da esposa com a roupa da filha incomoda o protagonista por promover uma mistura entre as duas figuras: Ibi, que Hofmeester deseja manter inocente e imaculada, e a esposa, que se mostra sedutora e provocativa. Quando a esposa propõe que eles façam sexo antes dos convidados chegarem, o narrador aponta: “Sua mão esquerda está sobre a saia jeans de sua filha mais velha, sobre as nádegas da esposa [...]” (GRUNBERG, 2016, p. 176). O paralelo entre ambas as figuras faz-se presente neste trecho, e fica claro que o pensamento do protagonista aponta essa justaposição entre filha e esposa. Ao mesmo tempo, pode-se relacionar tal pensamento com o isolamento afetivo, mais uma vez. A ideia de que sua mão está sobre a atraente minissaia da filha é

consciente para Hofmeester, mas parece desconectada de qualquer afeto ou de outros pensamentos que possam aproximá-lo de algum tipo de desejo incestuoso.

É possível pensar, então, que ao se deparar com a cena de sexo entre Ibi e o inquilino, Hofmeester se descontrola por entrar em contato com o desejo e a sexualidade da filha, mas também por se defrontar com seu próprio desejo e, ainda mais, com seus impulsos incestuosos direcionados a ela. Diante disso, a reação do personagem é a de frear imediatamente, por meio da violência, qualquer sinal do “animal”, do desejo direcionado a Ibi.

O mesmo pode ser pensado em relação a Tirza, levando em consideração que, para o sujeito obsessivo, os sentimentos amorosos adquirem intensidade tão grande quanto os sentimentos hostis. Pode-se considerar que, no caso de Tirza, o ódio e a agressividade de Hofmeester atingem seu ápice pelo fato de se tratar de sua filha preferida, aquela com quem o protagonista desenvolve uma relação próxima à de marido e esposa.

A sombra de uma relação incestuosa paira sobre Hofmeester e Tirza ao longo de todo o romance, e um momento importante da narrativa é aquele em que o protagonista se envolve sexualmente com uma colega de sala da filha, durante sua festa. A aproximação entre as duas adolescentes se faz presente logo quando a jovem se apresenta para ele, como Ester “Sem h”, o que o faz lembrar de Tirza, “também sem h” (GRUNBERG, 2016, p. 219). Quando, após tomar uma série de drinques ao longo da noite, Hofmeester mais uma vez permite que o animal em si escape ao se relacionar com Ester, o protagonista enfatiza o cheiro da colega de sala de Tirza. Após ser descoberto pela filha e se recolher para seu quarto, Hofmeester finalmente afirma, ao se referir à vergonha e à dor que sente: “[...] isso tem o cheiro do sexo da colega de classe de Tirza. Não, tem o cheiro da própria Tirza” (GRUNBERG, 2016, p. 294).

Tendo em vista a estranha relação entre pai e filha, bem como o fato de Tirza ser sua filha preferida e adorada, cabe aqui considerar que, assim como com Ibi, ao se deparar com o “animalesco”, o “horrível” e “inexplicável”, tal como ele descreve, Hofmeester liberta seu próprio animal ao direcionar toda a sua violência a Tirza e Choukri, na tentativa de aniquilar o desejo – e a vida – de todos os envolvidos (GRUNBERG, 2016, p. 349). É interessante pensar que tal aniquilamento se dá inclusive de maneira literal: na intenção de acabar com a existência do outro enquanto sujeito, Hofmeester acaba por efetivamente extinguir a existência da filha e de seu namorado, assassinando-os.

6.2.4 Considerações finais acerca de *Tirza* e a neurose obsessiva

Esta exposição acerca de *Tirza*, de Arnon Grunberg, foi feita na intenção de articular passagens importantes e ilustrativas do romance com a teoria psicanalítica a respeito da neurose obsessiva. Tendo esse objetivo em mente, é possível afirmar que uma série de elementos abordados ao longo deste trabalho foram explorados nesta articulação, ilustrando a teoria aqui apresentada e, ao mesmo tempo, possibilitando o olhar interpretativo sobre a obra de ficção.

Nesse sentido, foram apresentados trechos e reflexões que possibilitassem reconhecer, no protagonista Jörgen Hofmeester, mecanismos e dinâmicas características da neurose obsessiva: a relação do sujeito com o controle e a moral, a ambivalência afetiva e a agressividade, o superinvestimento no pensamento e o isolamento afetivo. Para além do âmbito dos sintomas característicos dessa neurose, buscou-se também explorar a relação estabelecida pelo protagonista com o desejo – dos outros e de si próprio.

Como exposto ao longo deste capítulo, Hofmeester se apresenta como alguém extremamente contido, racional, controlado, mas que esconde uma grande força pulsional, contra a qual luta incessantemente. Apesar de seu enorme esforço para se adequar às normas da sociedade, Hofmeester frequentemente se desestabiliza quando confrontado com as relações sociais: a dimensão subjetiva é estranha a ele, que encontra no âmbito racional um refúgio frente à singularidade do outro e de si mesmo.

As estranhas características do protagonista, então, podem ser entendidas como uma série de tentativas de conter tal força pulsional, que se faz presente em momentos pontuais e atinge seu ápice quando escapa, com toda a força, no surpreendente desfecho do romance, quando o leitor se depara com o assassinato de Tirza.

Diante de tudo o que foi aqui exposto, é coerente finalizar esta análise com uma passagem do romance que parece simbolizar a grande sombra que acompanha Hofmeester ao longo de todo o enredo, a qual, mais uma vez, aproxima o protagonista da neurose obsessiva. Na África, ao lado da criança que passa a acompanhá-lo, Hofmeester exclama: “‘Sou um produto da civilização’, brada, ‘sou o que acontece quando se deixa a civilização tomar conta do animal. É o que sou. Nunca quis ser nada além de civilizado’” (GRUNBERG, 2016, p. 477).

7 CONCLUSÃO

A elaboração deste trabalho suscitou diversas reflexões. Em primeiro lugar, foi muito interessante dedicar tempo para pensar a respeito da escolha da obra literária utilizada, a qual foi primeiramente lida em um momento de lazer. Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que, para além da trama instigante e envolvente, o que é interessante sobre *Tirza* é justamente o estranhamento e o incômodo provocados pelo suspense da narrativa. No decorrer das páginas, o leitor gradualmente se depara com a bizarrice do romance e de seus personagens e se defronta com um misto de sentimentos, chegando a sentir repulsa pelo protagonista. Foi extremamente rico poder perceber a força e a potência da literatura – e da arte no geral – em promover tais sentimentos no leitor, tornando palpável a ideia de que, por meio da obra, é possível que a subjetividade do artista toque a subjetividade do espectador.

Durante o processo de escrita deste trabalho, pôde-se perceber, então, como a arte se constitui justamente como o lugar em que nossos próprios “animais” e sombras – tanto do escritor quanto do leitor – podem ser libertos, expostos e reconhecidos. Em inúmeros momentos ao longo das duas leituras do romance, cruzaram minha mente pensamentos como “De onde veio tudo isso? Como é possível que alguém possa ter produzido o que estou lendo?”. Foi interessante perceber que, de alguma forma, o autor do livro de fato abriga dentro de si, em sua imaginação, tudo aquilo que foi transposto para as páginas do romance, o que foi fascinante no decorrer da leitura. Ao derramar sua subjetividade nas páginas, expondo seu próprio “animal”, Arnon Grunberg, diferente de seu protagonista, Jörgen Hofmeester, utiliza-se da sublimação para produzir a obra-prima que é considerado este romance. Não é à toa que a obra fascine tanto seus leitores: ao longo deste trabalho, foi possível pensar que ela, justamente por expressar algo tão terrível, bizarro e animalesco, diz profundamente daquilo que é humano. Retoma-se, então, o papel da psicanálise na elaboração deste trabalho, pois ficou claro que, apesar de não se tratar de uma pesquisa no contexto clínico, a interpretação da obra possibilitou entrar em contato com uma série de elementos que remetem àquilo que há de mais profundo no ser humano.

No que se refere à interpretação, pode-se dizer que, se no início da pesquisa já havia um cuidado em não reduzir o romance a uma única análise, tal preocupação apenas se intensificou ao longo da elaboração deste trabalho. Ao me debruçar sobre *Tirza* outra vez, pude me aprofundar na obra ainda mais do que havia sido possível na primeira leitura e, quanto mais percebia suas nuances, mais pude me dar conta da infinidade de interpretações e olhares possíveis a respeito dela.

Como resultado, em alguns momentos no decorrer deste processo, passei a me questionar a respeito da relevância da análise aqui proposta, uma vez que parecia tão pequena diante da complexidade do romance. Tal insegurança, que suponho seja parte de qualquer processo criativo, foi enfrentada ao longo do trabalho, principalmente conforme escrevia o último capítulo e fundamentava meu olhar sobre o livro na revisão teórica. A elaboração desta pesquisa, portanto, foi pessoalmente importante em vários sentidos. Para além de proporcionar o aprofundamento na teoria psicanalítica e um exercício de reflexão a respeito de uma obra literária, o processo também foi significativo para que eu enfrentasse barreiras pessoais e experienciasse a oscilação que compõe a elaboração de uma pesquisa: momentos de bloqueio, picos de inspiração, paralisia e ânimo com o processo de escrita.

A elaboração deste trabalho também foi marcada por outros desafios. Destaca-se o fato de a obra literária escolhida não ser uma obra clássica ou amplamente conhecida no Brasil, o que limitou significativamente a amostra de trabalhos que pudessem ser utilizados como referências para esta pesquisa. Não foram encontradas, nos meios de pesquisa utilizados, publicações em português ou inglês a respeito de *Tirza*, apenas alguns poucos artigos a respeito de Grunberg, que não se revelaram relevantes para o enfoque dado nesta pesquisa.

Além disso, devido à proposta e dimensão deste Trabalho de Conclusão de Curso, optou-se por abrir mão de algumas temáticas interessantes a respeito do romance, o que também se constituiu como um desafio. Ao me aprofundar ainda mais na estranheza e bizarrice do romance, uma série de questionamentos emergiram, suscitando o desejo de realizar uma análise profunda a seu respeito, destrinchando cada elemento da narrativa, o que seria inviável em um trabalho como este. Nesse sentido, elenco alguns temas a respeito de *Tirza* que poderiam ser explorados em trabalhos futuros.

Acredito que seria interessante buscar uma compreensão mais profunda acerca dos nomes dos personagens do romance, uma vez que “Tirza”, por exemplo, é um nome bíblico, ao qual o protagonista faz menção ao longo da narrativa, e se constitui não só como o nome de sua filha, mas também como o título da obra. Poderia ser interessante também se aprofundar nas relações estabelecidas entre os personagens e os nomes, pensando, por exemplo, no fato de a esposa de Hofmeester não ter seu nome revelado ao longo de todo o romance (ao passo que a filha, por outro lado, batiza o romance em si). O significado do nome do próprio protagonista, Jörgen Hofmeester, poderia ser explorado e relacionado à sua personagem e ao enredo do livro.

Da mesma forma, um elemento que me intrigou ao longo deste trabalho, mas que não pôde ser aqui investigado, refere-se à simbologia de alguns elementos presentes na narrativa,

como a macieira no quintal de Hofmeester, mencionada com frequência no romance, a qual ele se empenha tanto em podar.

Considero também que o aprofundamento ainda maior nas relações estabelecidas por Hofmeester seria extremamente relevante, principalmente no que se refere às tendências incestuosas para com as filhas e à violência dirigida à esposa. Nesse sentido, uma análise interessante seria aquela cujo foco se direcionaria a essas figuras, tendo como objeto de análise as filhas ou a esposa. Apesar de o leitor não entrar em contato com elas da mesma forma com que ocorre com o protagonista, trata-se de personagens complexas, profundas e bem construídas, que possibilitariam um outro olhar acerca do romance.

Diante disso, reitero que este trabalho teve importância significativa para a minha vida acadêmica e profissional. Pessoalmente, considero muito interessante poder, por meio desta pesquisa, me aprofundar na teoria psicanalítica por meio da leitura de novos autores e de diversos textos de Freud, dos mais diferentes momentos de sua teoria. Além disso, acredito que explorar as articulações entre psicanálise e literatura também foi fundamental para a minha formação, por se tratar de uma relação pela qual me interesso muito, mas com a qual não havia entrado tanto em contato ao longo da graduação.

Acredito também que, mesmo que não por via do atendimento clínico, este trabalho me possibilitou entrar em contato com a alma humana por meio da investigação da obra literária, o que com certeza será imprescindível na minha trajetória profissional enquanto psicóloga. Este processo foi, ainda, fundamental para que eu pudesse entrar em contato com a arte e a criatividade, tanto como leitora, quanto como pesquisadora e autora. Nesse sentido, a escrita deste trabalho me lembrou do quanto escrever é prazeroso, apesar de desafiador, o que me motiva a seguir escrevendo – sobre os mais diferentes assuntos.

Por fim, considero importante reiterar que este trabalho se constituiu como um exercício de reflexão teórica, de modo a articular psicanálise e literatura. Quanto mais páginas do romance lia e da pesquisa escrevia, mais possibilidades de reflexão se abriam. Para a elaboração deste trabalho, foi necessário escolher um único enfoque, dentre a infinidade contida em uma obra de ficção, para que os diálogos entre ambas as áreas do conhecimento pudessem ocorrer. Esta pesquisa, portanto, é o resultado de *um* olhar possível a respeito de uma obra que, como qualquer produção artística, abarca infinitas possibilidades.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, M. C.; Diagnóstico em Freud e Lacan: objetivos, métodos e critérios. **Psicologia**, Lisboa, v. 27, n. 2, p. 17-32, 2013. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492013000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 set. 2020.

AGUIAR, F. Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 105-131, jun. 2006. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2020.

FARIAS, C. P.; CARDOSO, M. R. Compulsão e domínio na neurose obsessiva: a marca do pulsional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 117-128, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2020.

FARIAS, F. R. As Três Formas de Negação à Castração. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 8, n. 2, p. 74-94, dez 2010. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/8763/7459>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 327p.

FREUD, S. (1892-1899). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 1996.

_____. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 3, 1996.

_____. (1895). A psicoterapia da histeria In: **Obras completas volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895)** em coautoria com Josef Breuer. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 442 p.

_____. (1896). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 3, 1996.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In: **Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905); tradução Paulo César de Souza**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 399 p.

_____. (1907). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: **Obras completas volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**

(1906-1909); tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 450 p.

_____. (1908). O escritor e a fantasia. In: **Obras completas volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**; tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 450 p.

_____. (1909). O homem dos ratos. In: **Obras completas volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)**; tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 415 p.

_____. (1913). A predisposição à neurose obsessiva. In: **Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 373 p.

_____. (1917). Uma dificuldade da psicanálise. In: **Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920)**; tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 424 p.

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: **Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 343 p.

_____. (1923). O eu e o id. In: **Obras completas volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 370 p.

_____. (1924a). Neurose e psicose. In: **Obras completas volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 370 p.

_____. (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: **Obras completas volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 370 p.

- _____. (1924c). O problema econômico do masoquismo. In: **Obras completas volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 370 p.
- _____. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: **Obras completas volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 370 p.
- _____. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: **Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**; tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 392 p.
- GRUNBERG, A. **Tirza**. 1. ed. Rio de Janeiro: Radio Londres, 2016. 501 p.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016. 552p.
- LOWENKRON, T. S. Considerações sobre o diagnóstico em psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 52-61, dez. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47141999000400052&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2020.
- MEZAN, R. Que significa “pesquisa” em psicanálise?. In: _____. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 95-134.
- MOREIRA, J. O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, ago. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2021.
- NASIO, J.-D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 201 p.
- PEREIRA, A. A. S.; PRÓCHNO, C. C. S. C. Psicanálise e Literatura: Uma Proposta de Análise do Conto Berenice. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 18, ed. 2, p. 1-12, 12 ago. 2018. DOI 10.5020/23590777.rs.v18i2.5205. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5205>. Acesso em: 20 set. 2020.
- PINTO, U. M. O surgimento do romance psicológico e o retrato da vida interior. **Revista Letrônica**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 353-360, 2009. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5235>. Acesso em: 20 set. 2020.

RIBEIRO, G. F. **Kafka e a psicose**: aproximações entre psicanálise e literatura. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31966/1/2016_GustavoFernandesRibeiro.pdf.

Acesso em: 20 set. 2020.

SAMPAIO, C.P. Algumas ideias sobre pesquisa em Psicanálise. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo 39 (70), p. 234-255, jun 2006.

VIOLANTE, M.L.V. Pesquisa em Psicanálise. In: PACHECO FILHO, R.A., COELHO JR., N., DEBIEUX-ROSA, M. (Org). **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000. p. 109-152.

WORDPRESS. **Rizzenhas**: Um blog de resenha de livros, 03 de maio de 2016. Apresenta resenhas de livros. Disponível em: <https://rizzenhas.com/2016/05/resenha-tirza-de-arnon-grunberg/>. Acesso em: 18 set. 2020.

WORDPRESS. **O Benedito**: Resenhas e ensaios literários-filosóficos, 19 de jan. de 2016. Apresenta resenhas de livros. Disponível em: <https://obenedito.com.br/imperturbavel/>. Acesso em: 18 set. 2020.

7GRAUS. **Norma Culta**: Língua Portuguesa em bom Português, c2007-2020. Gramática Online da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/discurso-indireto-livre/>. Acesso em: 18 set. 2020.